

CERCADA DE **SEGREDOS**

DIEGO H. FAVERO





CERCADA DE **SEGREDOS**

DIEGO H. FAVERO



Copyright© 2018 — Todos os direitos reservados a: Drago Editorial

Nome da Obra: Cercada de Segredos

Autor: Diego H. Favero

Revisão: Patrícia Drago

Capa e diagramação: Denis Lenzi

Editores Responsáveis: Gustavo Drago & Patrícia Drago

Dados de Catalogação

Favero, Diego H.

Cercada de Segredos/ Diego H. Favero

1ª edição - Rio de Janeiro, RJ - Drago Editorial, 2017.

ISBN: 978-85-9596-054-1

1 - Romance, 2 - Literatura Brasileira



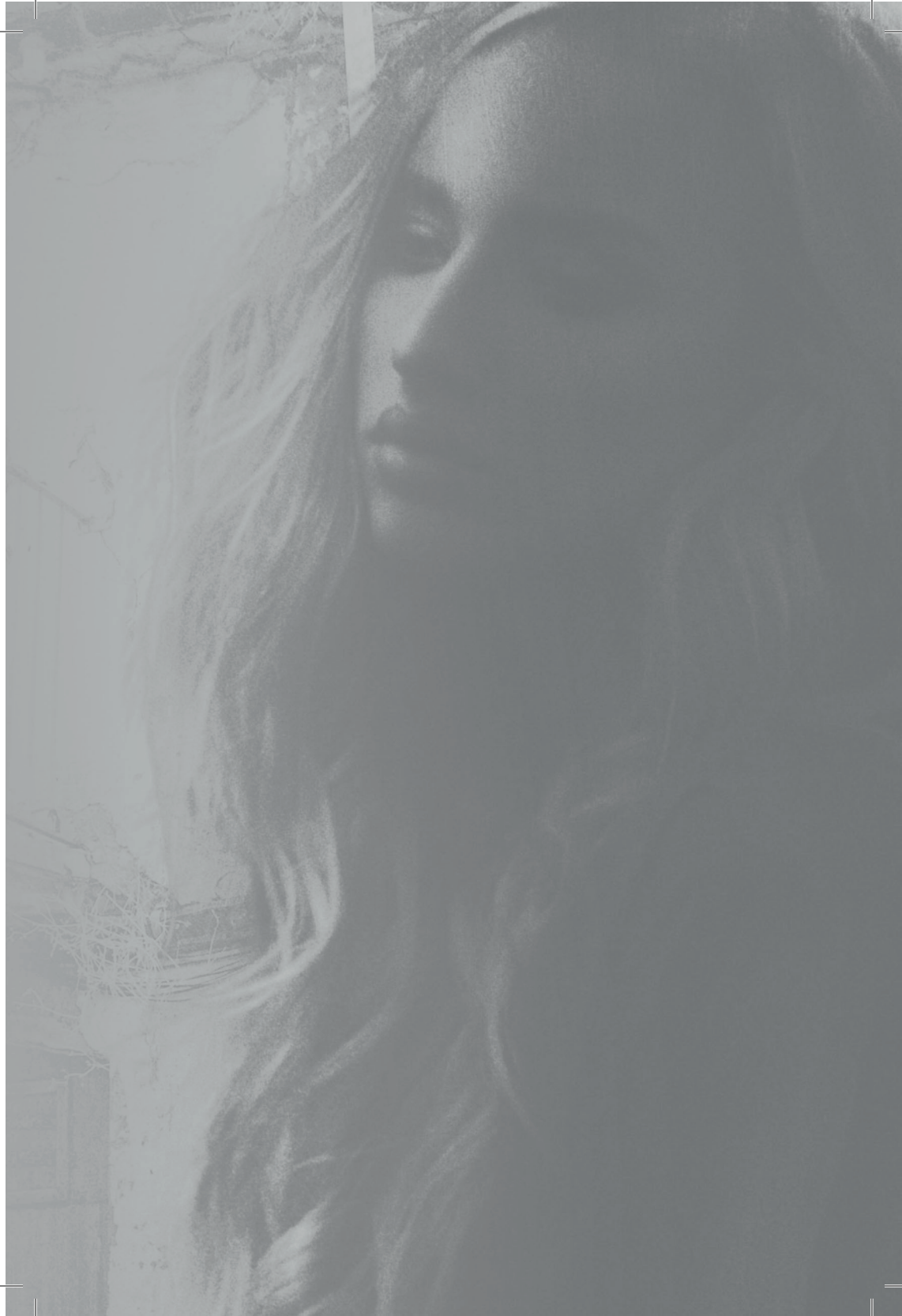
www.dragoeditorial.com

Drago Editorial LTDA

contatos@dragoeditorial.com

Este livro é uma obra de ficção. Nomes e acontecimentos são frutos da imaginação do autor ou usados de modo ficcional. Ou seja: qualquer semelhança dos personagens com pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da editora.



CAPÍTULO 1

AS MARCAS DAQUELE DIA já não estavam mais presentes no corpo de Luana, mas permaneceriam para sempre como uma amarga lembrança. O agressor não passaria mais do que algumas horas preso, especialmente em se tratando do filho de um dos melhores advogados da cidade.

Lua, apelido dado por sua mãe na infância, sempre teve nas atividades filantrópicas uma fonte de paz. Mais do que nunca precisava dessa ferramenta de escapismo para esquecer a agressão sofrida naquela tarde ensolarada de quarta-feira.

O domingo chegou e ela iria para o asilo onde trabalhava semanalmente como voluntária. Todo o amor que recebia dos velhinhos, sempre muito carentes, era revigorante.

Enquanto dirigia distraidamente pelo trajeto habitual entre sua casa e o asilo, um encontro inesperado a fez frear abruptamente, sentiu em seguida uma vibração no pedal, ouviu o barulho do choque, mas um barulho brando, que mais parecia uma pedra caindo no capô.

— Merda! — Desceu correndo e foi ver a jovem moradora de rua que surgiu diante do veículo. — Meu Deus! Eu juro que não te vi, desculpa. Você está bem? — Sua voz trêmula revelava o nervosismo natural para a situação. — Você surgiu de repente...

Nossa... — Um nó na garganta impedia que as palavras saíssem corretamente e a vítima também permanecia calada com um olhar vidrado. Felizmente Lua não estava veloz, conseguiu frear a tempo e o choque foi com o veículo quase parado.

Ela suspirou de alívio quando percebeu que nada mais grave aconteceu, mesmo assim enquanto ajudava a garota que já se levantava do asfalto, ofereceu-se para levá-la ao hospital e não obteve nenhum tipo de resposta.

Ela aparentava estar bem fisicamente, mas seu comportamento era estranho. Lua pensou em um primeiro momento que ela estivesse em choque, mas quando disse as primeiras palavras, as coisas começaram a ficar claras.

— Você tem alguma grana? — Lua ficou olhando para ela sem reação e a garota insistiu. — Me dá uma grana que eu vou embora. — A motorista rapidamente retirou a carteira do console do carro e deu o dinheiro no intuito de amenizar a sua culpa, além é claro, do desejo de livrar-se daquela situação constrangedora o mais rápido possível.

Um pouco mais calma, olhou ao redor e percebeu que estava em uma região da cidade bastante isolada e perigosa, somente ela e a garota estavam na rua naquela manhã de domingo, em meio a um bairro esquecido pelo poder público e muito frequentado por usuários de drogas. A garota atropelada virou as costas e foi embora sem dizer mais nada, olhava para os lados com uma expressão de pânico, resmungava algumas palavras sem sentido até que se perdeu em meio àquelas construções abandonadas. — Espera, qual o seu nome? — tentou Lua em vão.

Ela retornou ao seu veículo, ainda tremia muito, agarrou o volante com força e foi embora dali de certa forma aliviada com o desfecho do que poderia ter sido uma tragédia.

O sentimento que prevaleceu após aquela descarga de adrenalina era o de impotência, ela se viu naquela garota que, embora extremamente desgastada pela vida na rua, não deixava de transparecer uma notável jovialidade, ambas se pareciam fisicamente. Cabelos loiros naturais, pele clara com as maçãs do rosto rosadas, baixa estatura e magras, com peitos e nádegas muito bem torneados oriundos de uma genética excelente, pois nenhuma das duas cuidava muito da sua alimentação, no caso de Lua, em função da paixão por *junkie food*, já a garota, em função da vida nas ruas, obviamente.

Lua era invejada no seu círculo de amigas pela facilidade com que mantinha a forma sem praticamente nenhum sacrifício; a garota também seria, caso não vivesse em um contexto em que a vaidade era a última das preocupações.

Um arrependimento bateu quando ela se deu conta de qual seria o destino daquele dinheiro dado à pedinte, sempre foi contrária a dar qualquer tipo de ajuda monetária a quem mendigasse, porém era sua oportunidade para sair daquele local perigoso rapidamente e retomar o seu caminho até o asilo, já estava atrasada.

O desejo que a fez ir embora apressada foi rapidamente substituído por uma vontade súbita de reencontrar a garota. — Onde está meu celular? — perguntou-se em voz alta. Encontrou o aparelho no fundo da sua bolsa a qual manuseava ao mesmo tempo em que dirigia. Buscou o número do asilo e apertou a tecla “chamar”. A Coordenadora da instituição atendeu.

— Bom dia, Lua.

— Bom dia, Dona Carmem. Infelizmente tive um problema e não comparecerei esta manhã. — Ela não quis entrar em maiores detalhes, Carmem, com toda sua discrição não questionou a jovem que afinal, exercia trabalho voluntário.

— É uma pena, espero que esteja tudo bem – respondeu com toda a sua simpatia que sempre encantava a Lua e a qualquer criatura que conhecesse aquela senhora.

— Está tudo bem, obrigada, mas é algo que preciso resolver logo. Nos vemos na semana que vem, está bem?

— Claro, aguardaremos ansiosos. Um beijo.

— Um beijo e até lá – concluiu a estudante.

Ela desligou o telefone, apanhou o primeiro retorno e seguiu para o bairro do incidente. “*Devo estar maluca.*”

Reencontrar a pedinte não seria fácil, porém estabelecer um diálogo com ela é que seria o grande desafio. Se a garota já tivesse gasto aquele dinheiro recebido, dialogar seria impossível. Mas como encontrá-la em meio àquelas casas ruindo e terrenos baldios cheios de entulho? Lua estava decidida, algo mais forte que sua razão fez com que ela desse a volta em seu veículo para correr um grande risco naquele bairro repleto de pessoas que viviam à margem da sociedade.

Uma forte ansiedade a dominava, pela grande vontade de reencontrar a pedinte, pela tensão de adentrar àquele local perigoso e, sobretudo, pelo desejo de entender todo aquele contexto.

“*O que digo para ela?*” Era uma das muitas questões na cabeça de Lua. “*Me vi naquele olhar triste e sinto que poderia ser eu na mesma situação. O que fez tanta diferença na minha vida e na dela para tomarmos rumos tão opostos? Quem sabe se eu entender poderei ajudá-la e também a outras pessoas que vivem na mesma situação.*”

Ela não acreditava que aquela degradação fosse simplesmente de cunho financeiro, queria ir mais a fundo na história de pessoas que viviam daquela forma, porém nunca teve a coragem necessária. Por alguma razão que não sabia explicar, a troca de olhares com aquela jovem, fê-la ter toda a coragem e disposição de que sempre precisou.

Entrou na rua do último encontro que continuava deserta, porém ao converter à esquerda, próxima a um bar fechado, ela começou a ver pessoas andando sem rumo e outras dormindo na sarjeta. Atenta a todos os zumbis que cruzavam seu olhar, Lua buscava a garota. Identificá-la seria relativamente fácil, pois sua aparência nórdica destoava da maioria dos que andavam pela rua.

Após vinte minutos dirigindo, ela decidiu continuar sua procura a pé, podendo assim entrar nos poucos estabelecimentos que funcionavam e até em construções abandonadas, se fosse o caso. Felizmente usava roupas bem simples, jeans claro, uma camiseta branca sem estampa e chinelos nos pés, a temperatura estava amena, pois ainda era bem cedo, o que fez com que ela colocasse um moletom preto com capuz, que vestiu sobre a cabeça. Exausta e quase desistindo da busca após cerca de uma hora de caminhada, ela decidiu entrar em uma espécie de hotel.

Na recepção não havia ninguém, porém ouviu batidas secas e contínuas vindas do teto, acima da sua cabeça. Decidiu então avançar pela estreita e íngreme escada ao lado da recepção. “*Deus me proteja*”, e seguiu repetindo o pensamento que a acompanhava desde o início da sua jornada em busca da garota atropelada. “*Deus me proteja, Deus me proteja, Deus me proteja...*”

Ainda subindo as escadas, ouviu alguns gemidos de vozes femininas e esporadicamente algumas vozes masculinas que mais pareciam arfar. Deu-se conta então que aquele hotel, como dizia o letreiro danificado na fachada, era na verdade uma espécie de motel ou casa de prostituição.

O lugar caía aos pedaços como tudo naquele bairro, era imundo e cheirava a mofo. Percebeu uma porta entreaberta e decidiu espiar, qual não foi sua alegria quando viu uma mulher

com cabelos loiros e pele bem clara de costas para a porta, deitada em uma cama.

Ficou observando até que a loira se virou e Luana pôde ver então que se tratava da garota procurada. Aproximou-se um pouco mais, disposta a entrar no quarto, mas deu-se conta de que a garota estava acompanhada.

Nua e deitada na cama, um homem extremamente gordo e também nu, vestindo apenas uma camiseta regata pôs-se sobre ela e começou a fazer movimentos contínuos. Ele emitia ruídos esporádicos enquanto ela continuava extremamente apática, com a mesma expressão de quando havia sido atropelada.

Embora Lua encarasse o sexo com muita naturalidade, ficou horrorizada de ver aquela cena, sabia que a garota não estava apreciando o momento e fazia aquilo provavelmente para conseguir algum dinheiro ou mesmo droga.

O homem já bastante suado com seus pelos das costas emaranhados, causando ainda mais repulsa em Lua, desabou sobre a loira. Ela, com muito esforço, empurrou-o para o lado, pois ele já estava em um sono profundo. Vestiu-se, abriu a carteira do provável cliente e foi em direção à porta de onde Lua observava enojada. Era hora do reencontro. — Consegui! — comemorou enquanto a loira vinha em sua direção.

CAPÍTULO 2

— ISSO VAI TER CONSEQUÊNCIAS, PROFESSORA MILENA. — Não era uma simples ameaça, o Reitor falava na posição do homem que tomava as decisões da Universidade.

— Não houve favorecimento, Roberto. — Ela se defendia. — Você não pode dar ouvidos a um estudante frustrado por não ter sido aprovado em uma seleção, é realmente constrangedor passar por este interrogatório.

— Eu já apurei os fatos, Milena, analisei as provas escritas; as notas estão de acordo com o conteúdo, o fato de ambos terem seguido para a próxima fase já aponta que houve sim, favorecimento.

— Fiz o que achei adequado, não acredito que só a prova escrita seja o suficiente para avaliar o aluno — ela dizia convicta.

— Quando existe um regulamento, sua subjetividade não vale de nada. — E prosseguiu. — O seu orientado, Rodrigo, não será nosso residente, o aluno Augusto foi o único a obter a média exigida na prova escrita, não havendo assim a necessidade de entrevista.

— E o que quer que eu faça agora, Dr. Roberto? — ela rebateu em um tom desafiador.

— Convocaremos os dois alunos para uma reunião, todos os docentes que participaram da seleção deverão estar presentes.

Haverá uma retratação por parte da senhora, a presidente da banca examinadora, o aluno Rodrigo será informado da sua desclassificação e o Augusto receberá a notícia de que é o novo residente.

— Lamento, Roberto, mas não me retratarei.

— A escolha é sua, aguardo um posicionamento definitivo até amanhã ou então serei obrigado a demiti-la.

— Isto é um exagero sem tamanho, Roberto! – Ela rebateu muito contrariada.

— Não, professora, isto é ética – insistiu, agora levantando um pouco a voz. – O que tem faltado, e muito, a alguns docentes desta e de outras instituições. Aguardo a senhora em minha sala amanhã pela manhã para concluirmos este assunto.

Ela então abriu a porta e saiu sem dizer mais nenhuma palavra, seus olhos estavam carregados de lágrimas, o choro era iminente.

— Ela vai se retratar – disse o reitor para si mesmo com certo ar de satisfação.

A Universidade Mornato remunerava muito bem e dava status a quem nela trabalhava, Milena sabia bem disso, por isso engoliu o orgulho e adiou a tomada de decisão para não o fazer de cabeça quente.

Quando já se virava novamente para o computador, Roberto percebeu que a porta se abriu e Milena surgiu apontando o dedo para ele. Ela chegou a esboçar que diria alguma coisa, mas com o rosto bastante vermelho desistiu, engoliu a seco e saiu novamente batendo a porta.

Aquela ameaça, mesmo não sendo dotada de palavras, gerou certo desconforto em Roberto e o “coração gelado” como era chamado nos bastidores da Unimor ficou por alguns instantes tentando recompor-se.

CAPÍTULO 3

— TÁ OLHANDO O QUÊ? — foi o que disse a jovem quando se deparou com Lua, próxima à porta do quarto.

— Podemos conversar, por favor?

— Não, sai da frente.

— Posso te conseguir algum dinheiro se me der uma hora do seu tempo – Lua imaginou que precisasse lançar mão disso para conseguir estabelecer um diálogo.

— Fala – continuava seca, mas dinheiro era sempre bem-vindo.

— Você se lembra de mim? – questionou desconfiada de que a garota não se lembrava.

— Não.

— Quase te atrolei hoje cedo – disse meio constrangida.

— Ah... tá, cadê minha grana? – Ela se lembrava vagamente, estava muito entorpecida no momento do acidente.

— Toma 20, ao final da nossa conversa posso descolar mais. – Ela sabia que esse dinheiro não seria bem usado, mas precisava abrir a guarda daquela garota de alguma forma, para obter as respostas que desejava e quem sabe ajudá-la de verdade em um futuro próximo. — Vamos até a padaria, aqui no fim da rua, a gente come alguma coisa e conversa, eu pago.

— É tô com fome mesmo, vamos antes que ele acorde – disse referindo-se ao homem com quem acabara de transar.

As duas sentaram-se na padaria, pediram dois mistos quentes, uma *Coca-Cola* de 1 litro e meio em garrafa retornável e dois copos.

— Isso lembra minha infância – disse Lua, tentando quebrar o gelo, sem sucesso.

Não trocaram nenhuma palavra no caminho até a padaria, ela então se apresentou:

— Sou Luana e você?

— Magda. – Seu olhar demonstrava desconfiança, ela permanecia na defensiva.

— Gostaria de saber um pouco sobre a sua história. – Fez uma pausa. — Claro, se você estiver disposta a me contar.

O garçom chegou e interrompeu momentaneamente, Luana então retomou.

— Você não deveria estar vivendo na rua, aliás ninguém deveria. – Tomou um gole de refrigerante. — Senti que podia ser eu no seu lugar, queria entender o que aconteceu para eu seguir um caminho e você outro, e dessa forma quem sabe te ajudar de alguma maneira.

— Não gosto muito de falar disso. – Tomou um gole de *Coca* e pensando no dinheiro, então começou: — Eu fugi de casa, só que quando decidi voltar já era tarde.

— Seus pais não te aceitaram de volta? – questionou Lua.

— Antes fosse. – Esboçou um sorriso seguido de uma expressão séria. — Eles morreram. – Ficou com o olhar vidrado por alguns segundos e engoliu a seco.

Dos olhos de Lua escorreram algumas lágrimas, que ela rapidamente enxugou.

— Parece que sofreram um acidente de carro – prosseguiu. — Fiquei sabendo por alguns vizinhos, mas não tínhamos uma relação muito boa com eles, meus pais arrumavam muita confusão e faziam questão de evitar a vida social.

— Mas você não tem quem te ajude? — perguntou a estudante.

— Meus pais eram filhos únicos, meus avós já faleceram e nossa família não tinha amigos. Meu pai era agiota e muita gente queria vê-lo pelas costas, o sócio dele se apossou dos negócios e me ameaçou de morte caso eu tentasse “morder minha fatia do bolo”, como ele mesmo disse, eu tive que sumir.

— Mas por que você saiu de casa quando seus pais estavam vivos?

— Porque eu sou burra.

— Como assim, burra? Aliás, para uma moradora de rua, me surpreende como você fala bem.

— Quando estou limpa, melhora mesmo. — Já não usava nada há algumas horas, o dinheiro do acidente provavelmente não havia sido utilizado. Ela prosseguiu: — Tenho algum problema que não consigo aprender as coisas, meu pai me bateu muito por causa disso e minha mãe me levava na igreja para tentar me “consertar”; era um inferno, aliás eu não podia dizer isso lá.

— Você tem alguma espécie de distúrbio de aprendizado?

— Acho que sim, demorei para aprender a ler e escrever, nunca consegui assistir filmes legendados.

— Mas você buscou ajuda de algum especialista?

— Meus pais diziam que eu não tinha nenhum problema, achavam que era preguiça, falta de vergonha na cara e outras coisas parecidas que eu ouvi muito, me pressionavam e como disse antes, até me batiam. Eu sempre fui uma vergonha para eles. — Fez uma pausa, mantendo o olhar perdido, fixo em algum ponto atrás de Lua e as lágrimas pouco a pouco começaram a brotar dos olhos dela. Finalmente aquela criatura apática demonstrou possuir sentimentos e respondeu aos estímulos ambientais.

Lua estava muito emocionada com o que ouvia e chorava junto com a garota. As duas então permaneceram caladas por um momento enquanto comiam o lanche recém-chegado.

Magda então se levantou.

— Não precisa mais me dar a grana. — E saiu rapidamente pela porta da padaria, chamando a atenção de algumas pessoas que estavam no balcão. — Espera, quero te ajudar — tentou

Luana em vão.

CAPÍTULO 4

O NOVO ENCONTRO DE ROBERTO E MILENA foi breve, ela adentrou a sala, engoliu a seco e informou que se retrataria perante os candidatos.

— Vou me retratar, Roberto, mas... — E antes que ela pudesse concluir, ele a interrompeu.

— Não esperava outra atitude, Milena, pedirei para minha secretária agendar uma reunião com todos os envolvidos. Por favor, agora me deixe só que tenho que concluir a leitura de uma dissertação. — E voltou-se para seu computador.

Ela com uma expressão de desaprovação ainda fitou o Reitor, que continuou a ignorá-la. E calada saiu da sala com uma forte batida de porta.

Roberto sorriu satisfeito. Milena e ele foram colegas de faculdade, ambos nunca tiveram um bom relacionamento, para a professora era intragável ser subordinada a ele, que durante toda a graduação sempre teve um desempenho escolar inferior ao dela. Ele se divertiu com a situação e teve que parar um pouco para apreciar aquele momento, era muito bom estar acima dos colegas e ter autoridade para impedir que situações como manipulação de resultados nas seleções acontecessem. Roberto estudou em uma universidade estadual e viu muitas seleções injustas e extremamente manipuladas, tendo sido inclusive vítima deste tipo de prática. Poder combatê-las era

algo que fazia com prazer, via a possibilidade de uma demissão imediata como uma das vantagens da iniciativa privada.

O Reitor era casado com Patrícia, a filha de Fernando Mornato, dono da Universidade. Já ciente de toda a crítica que receberia pelo nepotismo do sogro, ele trabalhou duro e fez com que a escola tivesse grandes saltos na qualidade dos seus cursos.

A relação de Roberto com Fernando ia muito além de uma simples relação entre genro e sogro, ambos escondiam no passado acontecimentos que fortaleciam esses laços de uma forma nada amistosa. Por mais que os anos passassem, algumas feridas mal cicatrizadas voltavam a criar um incômodo, especialmente no reitor.

O trabalho era uma válvula de escape para Roberto; naquele dia nem se deu conta de que já era tão tarde quando fechou seu notebook, pegou a chave do carro e dirigiu-se ao seu veículo estacionado em frente à reitoria da Universidade.

Já dentro do veículo ele percebeu que havia um pedaço de papel no para-brisa pelo lado de fora, esticou o braço pelo vidro aberto e conseguiu alcançá-lo, curioso em saber do que se tratava. Abriu o papel dobrado ao meio, e estremeceu ao lê-lo.

— Mas como? Quem? — Saiu rapidamente do carro e começou a olhar ao redor, não havia ninguém. Um misto de desespero e raiva tomou conta daquele homem sempre tão contido, que por alguns minutos ficou acuado sem saber para onde ir, ou o que fazer.

CAPÍTULO 5

HÁ MUITO TEMPO ROBERTO não tinha uma noite tão ruim, não pregara o olho nem sequer por um segundo; passou horas indo de lado a lado no escritório; sua esposa Patrícia já estava acostumada com os estranhos hábitos noturnos do marido, só percebeu alguma coisa errada pela manhã, quando o viu com uma expressão bastante cansada.

— Você está bem? – tentou em vão.

Ele assentiu que sim sem dizer nenhuma palavra, seu olhar se mantinha distante e ele lentamente garfava a omelete do café da manhã, mas deixou boa parte no prato. Levantou-se e saiu sem se despedir da esposa.

Patrícia já estava acostumada com o jeito frio do marido, o casamento dos dois estava bastante desgastado. Acontecimentos de um passado, anteriores ao nascimento de Luana, filha do casal, eram os responsáveis por esse desgaste.

Patrícia, embora médica veterinária de formação, nunca exerceu a profissão, sempre foi dona de casa, algo que lhe dava muito prazer, embora poucos aprovassem, nem mesmo sua filha. Era uma bela mulher, mesmo mais madura e mãe de uma jovem de 20 anos, mantinha a forma com cuidados alimentares, exercícios físicos regulares e uma genética extremamente favorável. Todas essas qualidades despertavam o interesse de

homens das mais variadas idades, porém ela tinha valores muito fortes e se mantinha fiel. Seu marido, mesmo sendo frio no dia a dia, cumpria seus compromissos matrimoniais com certa regularidade, isso a incomodava de certa forma, pois sabia que não era amada, simplesmente uma fonte de prazer.

Luana tinha um péssimo relacionamento com seu pai, um dos motivos era essa frieza, que se estendia não só ao tratamento que dava a mãe, mas a ela também.

A secretária do **reitor** estranhou as suas feições abatidas quando o viu pela manhã na Universidade, comprovou que alguma coisa estava errada no momento em que recebeu a ordem para desmarcar todos os compromissos do dia.

Roberto ficou estático em sua cadeira, olhando para um ponto fixo e pensando naquele bilhete. Precisava ser cauteloso para que aquela informação até então, tão bem guardada não se espalhasse e arruinasse sua ótima reputação e a vida da sua mulher e filha.

Rapidamente pegou o celular, para não correr o risco de a secretária escutar a ligação, e digitou o número do sogro que estava de férias na Europa. Ele prontamente atendeu.

— Fala, Roberto, o que houve? Alguma coisa com a Lua ou a Patrícia?

— Elas estão bem. — Fez uma pausa. — Temos que conversar, aquele nosso assunto de anos atrás, parece que não foi bem resolvido; alguém sabe e tem me alertado através de bilhetes anônimos, ainda não fui chantageado, mas seguramente serei.

Fernando ficou mudo, não respondeu de imediato e Roberto insistiu.

— Fernando? – Ele respirou fundo e respondeu.

— Isso é muito delicado, não podemos tratar pelo telefone, estou voltando amanhã, tentarei antecipar meu voo, mas só devo chegar no sábado, não comente nada com mais ninguém, nem mesmo com a Patrícia. E desligou.

— Odeio quando ele desliga na minha cara – esbravejou o Reitor. Ele já se levantava para circular pela Universidade, como lhe era habitual todas as manhãs, quando se deu conta que um envelope sem remetente compunha sua pilha de correspondências. Apreensivo, esticou o braço e pegou o envelope.

CAPÍTULO 6

FELIZMENTE LUA NÃO REENCONTRARIA seu agressor na Universidade, o episódio ocorreu dentro dos portões da Unimor, o que dava motivos de sobra para que Marcel Sobrado fosse expulso pela direção, ainda mais composta por familiares da agredida.

O processo corria na justiça, mas sendo filho de um dos melhores advogados da cidade, Marcel provavelmente se livraria de maiores punições.

Em vão, ele tentava ligar para a ex-namorada, que obviamente não atendia. Lua estava tranquila quanto a um novo encontro, pois o pai do agressor, em conversa com ela e sua família, prometeu manter o filho longe para evitar qualquer tipo de constrangimento e não agravar ainda mais sua situação perante a justiça.

O que constrangia, e muito a Lua, era o retorno às aulas, a discussão que levou Marcel a desferir um soco no rosto da namorada ocorreu no famoso pátio da fonte, onde todos os estudantes se reuniam diariamente durante os intervalos de aula da Unimor.

Marcel estava aos gritos, dizendo que não admitia que Lua o tratasse daquela maneira, ela, em vão tentava acalmá-lo, estava muito constrangida e gostava de “lavar roupa” em casa. Quando

já não aguentava mais aquela situação, colocou o dedo na cara do até então namorado e disse:

— Te trato como você merece!

Marcel arregalou os olhos e desferiu um soco atingindo o olho esquerdo de Lua. Na mesma hora outros estudantes intervieram e **Marcel** foi levado por colegas e depois pela segurança do campus, a polícia foi acionada e o rapaz preso.

Lua não se lembrava do que iniciou aquela discussão, já cogitava terminar o relacionamento em função do temperamento forte do namorado, mas tinha medo de alguma reação intempestiva, tinha razão na sua preocupação.

No retorno às aulas, conforme caminhava pelos corredores da Unimor, Lua era abraçada pelos amigos, os não tão chegados a observavam e ela sentia-se péssima, não gostava de ser o centro das atenções sob nenhuma circunstância, ainda mais naquele contexto.

Lua encontrou seus grandes amigos, Maria e Luis, os dois foram muito importantes para ajudá-la a recuperar-se de tudo aquilo, mas como prometeram, não tocariam mais no assunto.

Lua sentia-se mais forte com os dois por perto, embora pessoas de muita confiança, ela não contou a eles o incidente de dias atrás, a garota loira e toda aquela aventura na “cracolândia”, preferiu continuar sozinha nessa empreitada, não queria que ninguém tentasse convencê-la a desistir e, naquele momento não precisava de nenhuma ajuda.

Lua só pensava em Magda e naquela conversa que tiveram, pesquisou um pouco sobre alguns déficits de aprendizado, mas

queria coletar mais informações. Com elas em mãos consultaria um especialista que talvez pudesse dizer com mais precisão do que se tratava.

Era um semestre complicado para os estudantes do curso de medicina veterinária da Unimor, porém haveria uma janela às quartas de manhã, janela essa que Lua utilizaria para visitar Magda.

Feliz e mais leve do que estava nos últimos dias, Lua saiu da Unimor direto para o shopping, Maria foi com ela. As duas gostavam de ir à livraria onde passavam horas olhando os mais variados temas literários, quase sempre saíam de lá com algum novo exemplar que iria compor a pilha sobre o criado-mudo de ambas, que embora leitoras assíduas, não davam conta de liquidar todos aqueles livros.

Quando deixavam a livraria, qual não foi a surpresa de Lua quando deu de cara com Marcel; ele abriu um sorriso tímido e acenou **para ela**. Um ódio tomou conta dela, o que de certa forma foi um alívio, pois cultivar algum sentimento bom seria extremamente deprimente; ela estava segura de que aquele relacionamento havia sido um grande erro na sua vida.

Maria ficou sem reação quando viu a troca de olhares entre eles, temeu pela segurança de Lua, mas ambas foram salvas pela mãe de Marcel, que vinha logo atrás do rapaz e quando percebeu o encontro, levou o filho dali. Ele resistiu um pouco, mas acabou cedendo e se afastou cabisbaixo.

As amigas apenas trocaram olhares, Maria deu um beijo na têmpora da amiga e não disse nada, Lua retribuiu o carinho com um sorriso e em comum acordo as duas se foram do shopping.

Maria dirigia sem tocar no assunto reencontro, Lua permanecia calada no banco de passageiro, apenas pensava nos dias cheios de grandes novidades que tivera e qual seria o próximo passo, tinha os pensamentos mais voltados para Magda do que para Marcel, embora esse fosse um tópico que a incomodava pela exposição que gerou e ainda gerava.

“Que merda de país, um cara bate em uma mulher e fica impune”, pensava ela. “Mas esse babaca não merece minha energia, a justiça cuida disso... espero... Preciso encontrar a Magda de novo, queria estabelecer uma rotina de encontros com ela, mas como? Não queria dar mais dinheiro, vai virar droga”.

Na mesma hora a expressão de Lua mudou, sua posição de encolhida no banco passou a ereta, Maria percebeu a mudança e sorriu dizendo.

— Agora sim, não estava te reconhecendo. Bora sair de balada hoje?

— Só se for na Rainbow – rebateu ela rapidamente.

— Putz, sério? Tenho que levar companhia então.

A Rainbow era uma boate frequentada por homossexuais em sua maioria, Lua era despida de preconceitos e sabia que indo até lá não correria o risco de encontrar Marcel.

— Quero ver você convencer o Luis a ir até a Rainbow com a gente – disse Lua com um sorriso no rosto.

— Nada que um decote e uma saia curta não consiga. – As duas gargalharam.

— Vocês dois ainda vão casar e quero ser a madrinha.

— Relaxa, Lua, somos só amigos.

— Amigos não transam, Maria – disse Lua com muita ênfase.

— Estamos reinventando o conceito de amizade. – E mordeu os lábios olhando para a amiga de forma lasciva. As duas riram com Lua balançando a cabeça em negativa.

CAPÍTULO 7

ROBERTO FOI PESSOALMENTE BUSCAR seu sogro no aeroporto, estava ansioso para tratar com ele dos últimos acontecimentos. Ficou desorientado desde o primeiro bilhete, consultou imagens das câmeras de vídeo do campus, mas devido à substituição de várias para modernização do sistema de segurança, havia muitos pontos cegos.

Não conseguiu identificar nada suspeito. Ele não quis consultar sua equipe de segurança para não levantar nenhuma suspeita.

O Reitor deixou seu veículo a passos lento, pois havia se antecipado muito ao horário de desembarque do sogro, adentrou ao terminal e sentou em uma mesa do restaurante do aeroporto, onde pediu um café. Ficou relendo os bilhetes enquanto esperava, iria mostrá-los a Fernando, assim que tivesse oportunidade.

O celular de Roberto tocou.

— Fala, Fernando, já chegou? — Ele não conseguiu esconder sua ansiedade.

— Boa tarde, Roberto, estou aguardando as malas na esteira, daqui a pouco saio — disse o sogro fingindo ignorar a afobação do genro.

— Está bem, estarei em frente ao desembarque.

— Ok, até lá.

Roberto paga o café e sai caminhando em direção ao portão de desembarque, assim que chega, já vê o sogro cruzando as portas de vidro do terminal, dá um breve aceno, ele o vê e caminha em sua direção empurrando o carro de malas.

Eles apertam as mãos e antes que Roberto comece a falar, Fernando o interrompe.

— Tratamos dos nossos assuntos no carro, aqui não é um bom lugar. — Roberto se contém e desvia o assunto para a viagem.

— Como estava a Toscana? — O sogro sorriu, e ficou evidente que foi um ótimo passeio.

— Excelente, voltarei ano que vem seguramente.

— Por que não vai para outro lugar? — questionou o genro.

— Lá tenho ótimos vinhos e mulheres. — Roberto sorriu.

— E qual dos dois custa mais caro?

— Os vinhos, sem sombra de dúvida. — Roberto balançou a cabeça em negativa ao que ouviu, esboçando um pequeno sorriso.

Fernando ficou viúvo alguns anos antes, sua esposa teve um câncer de mama diagnosticado tardiamente, mas mesmo durante o casamento tinha relacionamentos extraconjugais.

Enquanto dirigia, Roberto mostrou os bilhetes que recebeu nos últimos dias, Fernando olhava para eles sem dizer uma palavra, até que quebrou o silêncio.

— Deixe que eu resolvo isso.

— Mas como? — Roberto respondeu espantado.

— É melhor que você não saiba os detalhes, já imagino quem seja o autor e ele sabe que eu chegarei até ele.

— Mas quem é ele? — questionou.

— Esqueça, Roberto, essa história não vira à tona e sua vida não será afetada, já disse que resolverei e será de forma definitiva.

— Por isso ele não pediu nada em troca, apenas queria chamar nossa atenção?

— A minha atenção, olha não é a primeira vez que essa pessoa pede algo em troca. Pedi para que **essa pessoa** não lhe procurasse, talvez em função da minha viagem, foi o único canal que **ela** conseguiu para me contatar.

— Ela foi até a minha sala, Fernando, ao meu carro, como quer eu esqueça essa história da noite para o dia, não estou me sentindo seguro — exaltado, rebateu.

— Olha, quanto a sua segurança, não há nenhum risco, eu garanto, portanto fica na sua, é o melhor para você, minha filha e minha neta e não se fala mais nisso, te aviso quando tiver liquidado o assunto.

Roberto se conteve, engoliu o que ouviu mesmo contrariado e no fundo sabia que o melhor era não saber dos detalhes de toda aquela história. O que sabia já o aborrecia bastante.

CAPÍTULO 8

LUA E MARIA DANÇAVAM FRENETICAMENTE, Luís observava sentado no bar, as duas estavam bem próximas a ele e por um momento o rapaz esqueceu-se da presença de Lua, devorando Maria com os olhos, ela exibia suas belas pernas, usava um vestido curto, o decote acentuado destacava seus seios fartos. O jovem estudante estava louco e esperava ter uma ótima noite com Maria, já que aceitou o convite de sair bastante contrariado.

As duas se aproximaram do bar, Lua sentou-se e observou as pessoas ao redor, ao se deparar com uma garota loira, imediatamente lembrou-se da moradora de rua com quem cruzou aquele dia, na hora sentiu um aperto no peito e uma obrigação de fazer algo a respeito, sentiu uma dor de cabeça súbita e decidiu deixar os amigos e ir para casa.

Eles estavam abraçados quando ela interrompeu e disse que iria embora em função de um mal-estar.

— Pessoal, não estou muito bem, preciso ir – disse gritando um pouco para vencer a música alta.

— Que houve Lua? – perguntou Maria.

— Dor de cabeça, muito forte!

— Nós vamos com você – disse Luís.

— Não quero estragar a noite de vocês, pego um táxi, é perto e tem um ponto aqui em frente, quando eu chegar mando

uma mensagem avisando. Fiquem tranquilos e usem camisinha. – E deu um beijo no rosto dos pombinhos enquanto abraçava-os simultaneamente.

Eles deram risada e retribuíram o beijo.

Lua pagou sua comanda e deixou o lugar, só pensava em Magda, no que ouviu, enfim, iria até ela no dia seguinte, ofereceria ajuda de alguma forma, precisava salvar aquela alma.

Já em casa mandou a mensagem para os amigos, seus pais já dormiam; ela tirou a maquiagem, escovou os dentes e caiu na cama em um sono profundo que veio rapidamente.

Magda estava no fundo de um poço, ajoelhada, chorando muito, esticava o braço e pedia socorro, Lua tentava esticar o braço para puxá-la para cima, mas não conseguia alcançar os dedos da garota. Era desesperador, Lua ergueu o corpo e olhou ao redor, estavam no meio de ruínas, ninguém por perto, ela pediu socorro, mas ninguém apareceu... ela voltou sua atenção para o poço e Magda já não estava lá... ela gritou em desespero... chamou pelo nome, mas era em vão, nada dela... Lua então escorregou e caiu naquele buraco...

Ela acordou assustada, e quando percebeu que tudo não passava de um pesadelo ela respirou aliviada, se levantou da cama e foi até a janela tomar um ar. Olhou para o relógio e viu que eram 5h da manhã, mas não conseguiu mais dormir, abriu então seu computador e começou a pesquisar sobre problemas de aprendizado.

Ao pesquisar no Google, se deparou com artigos sobre dislexia, o que foi lendo chamou sua atenção e parecia se encaixar com o que ouviu de Magda, estava bastante convencida de que aquele era o problema, mas queria mais informações. As

aulas de semiologia ensinaram a ela que deveria coletar o maior número de informações possíveis antes de fechar qualquer diagnóstico.

Embora não fosse especialista e tivesse poucas informações sobre o problema de aprendizado de Magda, Lua acreditava mesmo tratar-se de dislexia, que se caracterizava, segundo o que pesquisou, por uma falha na aquisição da leitura, da escrita ou matemática ocasionada por uma disfunção neurológica, o indivíduo afetado é inteligente, mas durante o processo de aprendizado apresenta dificuldade nas áreas mencionadas.

Tinha agora um ponto de partida e em uma nova conversa poderia apresentar sua teoria, e demonstrar para Magda que ela tinha um problema, que a falha em aprender não dependia dela. Chegava a hora de um novo encontro.

CAPÍTULO 9

AOS POUCOS ROBERTO RETOMAVA sua rotina e na medida do possível esquecia-se dos acontecimentos recentes, realmente depois do retorno de seu sogro nenhum bilhete anônimo chegou até ele.

Era uma tarde de quinta-feira e Roberto se encaminhava para uma reunião com Milena e os alunos participantes da seleção do programa de residência da Unimor. A professora se retrataria perante o candidato Augusto, informando que a vaga de residente seria sua, e em contrapartida informaria a Rodrigo que ele não seria mais o novo residente de clínica médica de pequenos animais, embora já tivesse sido informado disso antes da reunião pela própria professora.

Outros docentes que participaram da seleção estavam presentes, também já haviam sido informados do ocorrido, a reunião era uma mera formalidade; Roberto fazia questão que ela fosse realizada.

Após muito constrangimento por parte de Milena e Rodrigo, a reunião foi concluída. Roberto não conseguiu se concentrar muito, ainda pensava nos bilhetes e como seu sogro resolveu toda aquela situação.

Ele trocou brevemente um olhar com Milena enquanto ela deixava a sala, o olhar de reprovação ficou bem evidente, ele não se incomodou e nem sequer apreciou aquele momento.

Percebeu que tinha muitos inimigos no seu ambiente de trabalho, e essa lista parecia crescer pelo seu jeito não muito político de resolver as mais variadas situações, seu forte senso de justiça aliado ao seu poder como **reitor** tornava Roberto *persona non grata* entre professores adeptos de práticas que ele recriminava, e que eram muito comuns nas instituições públicas, de onde muitos eram oriundos.

Era muito feliz no seu trabalho, adorava poder impedir todos os abusos que viu durante sua graduação, mas a forma como ascendeu ao cargo que ocupava o incomodava e muito, o casamento arranjado com Patrícia e a vida que tinha antes e da qual teve que abrir mão eram fardos que ele carregava e a cada dia pareciam pesar mais.

Lua nem sequer podia imaginar esses e muitos outros segredos dos pais, especialmente do pai; embora sentisse o clima tenso entre os dois, atribuía isso a um desgaste de quem já era casado há muito tempo.

Esporadicamente Roberto viajava por poucos dias para visitar sua Madrinha, seus pais já eram falecidos e Lúcia, que era como uma mãe para ele, era uma pessoa com quem mantinha laços muito fortes.

Lua não conhecia a madrinha de seu pai, ela não vinha vê-los e a estudante nunca teve a oportunidade de ir visitá-la, a impressão que tinha era que o pai não fazia muita questão desse encontro e ela não se importava com isso, afinal quem é que não tem parentes distantes.

Roberto sempre ficava muito bem-humorado quando a data dessas viagens se aproximava e voltava de péssimo humor, como se não desejasse deixar a casa da madrinha. Tinha bons motivos para isso, motivos que todos desconheciam inclusive o sogro e a esposa com quem compartilhava muitos outros segredos. Aliás, todos esses mistérios que envolviam sua vida estavam se acumulando, Roberto sentia essa pressão, mas tinha que ser cauteloso para não prejudicar ninguém trazendo tudo à tona.

CAPÍTULO 10

QUANDO SAIU DE CASA AINDA ERA BEM CEDO, os pais nem sequer tinham descido para o café. Lua entrou em seu carro e com um frio na barriga muito familiar voltou para aquele bairro onde atropelou Magda.

Em um golpe de sorte, assim que entrou na rua do primeiro encontro, visualizou a jovem; parou o carro e gritou pelo nome dela, que a princípio olhou desconfiada, porém reconheceu a visitante e decidiu aproximar-se, sabendo que poderia obter mais dinheiro, mas na verdade não foi isso que fê-la se aproximar realmente, já sentia uma certa empatia pela futura veterinária.

Próxima da janela da motorista, esboçou um sorriso; Lua ficou feliz com isso, convidou a garota para entrar no passageiro para que elas pudessem conversar enquanto tomavam café da manhã. Ela estava “limpa”, o que ajudava e muito.

Foram até um *McDonald's* do outro lado da cidade, Lua não queria correr o risco de encontrar nenhum conhecido, nem dela nem de Magda.

Antes de saírem do veículo, já no estacionamento da lanchonete, Lua deu roupas novas e limpas para Magda, que gostou do presente e colocou as novas vestimentas dentro do veículo mesmo, assim não haveria problema de nenhum olhar torto por parte de terceiros e da própria segurança do

estabelecimento, como já enfrentou muitas vezes em diversos locais, sendo inclusive impedida de entrar.

As duas pediram *Mc Muffins* e café com leite. Magda devorou os seus, a conversa só se iniciou quando a jovem já estava saciada.

— Obrigada pelo café, há muito tempo não comia nada pela manhã. — Magda já ficava mais à vontade perto de Lua e mais receptiva ao diálogo.

— Tudo bem, fico feliz de ajudar um pouco. — E sorriu. Magda sorriu de volta e indagou.

— Mas por que você veio atrás de mim de novo?

— Andei pesquisando sobre o seu problema, acho que tenho uma resposta, apesar de eu não ser especialista.

— Tudo bem, mas o que isso muda?

— Acho importante que você saiba, para ver que tudo o que passou não dependia necessariamente de você, sei lá, pensei que isso de certa forma tiraria um peso das suas costas.

— Sinceramente, não ajuda muito, é bom saber até, mas agora tenho outros problemas piores, como você pode perceber sou viciada e puta — disse com uma franqueza que chocou Lua.

Ela ficou calada, muito constrangida, mas retomou.

— Eu sei disso, quero te ajudar para que você saia dessa, isso se você quiser essa mudança.

— Na boa, não tem nada que você possa fazer de fato; não tenho família, nem amigos, nem vida mais, arruinei tudo, e se é que existe um cara lá em cima, ele definitivamente não gosta de mim. — Embora com tom dramático, ela mantinha o semblante fechado, sem lágrimas ou qualquer esboço de emoção.

— Se eu conseguir para você um trabalho e moradia, você aceita? — insistiu Lua.

— Mesmo que eu aceitasse, não sei se consigo ficar limpa.

— Tenho uma ideia de como te ajudar com isso também, não vai ser um tratamento em clínica, nada disso, você vai ter a ajuda de uma psiquiatra com experiência, se não for o suficiente para te tirar dessa, vou tentar um plano B. Lua esticou a mão, Magda receosa, enfim apertou-a. As duas combinaram um novo encontro em três dias, a estudante faria os arranjos para o novo início da sua protegida.

CAPÍTULO 11

— DONA CARMEM, boa tarde é a Lua, como vai?

— Tudo bem, querida, e você?

— Bem, obrigada. Gostaria de encontrá-la para pedir um favor, é um pouco complexo e prefiro que nossa conversa seja pessoalmente – disse bastante séria.

— Claro, será um prazer retribuir tudo que fez pela nossa instituição. Podemos nos ver hoje, mas venha depois da sua aula, não quero que falte – respondeu sem questionar. Há pouco mais de um ano o asilo corria o risco de ser fechado em função de problemas financeiros, a estudante conseguiu junto a seu avô uma verba que salvou a instituição, depois conseguiu ainda empresas que passaram a ajudar o asilo desde então, mensalmente, graças também à influência do avô. Lua sorriu e respondeu.

— Está bem. Hoje saio da faculdade e passo aí – concluiu satisfeita.

— Nos vemos então, um beijo.

— Beijo, Dona Carmem.

Foi o dia mais longo da vida de Lua, os minutos pareciam horas e as horas dias. O professor de clínica médica de equinos, como era habitual, terminou a aula 15 minutos além do horário, para a agonia da estudante. Lua saiu correndo, Maria e Luís

nem viram a amiga partindo; em pouco mais de 20 minutos ela chegou ao asilo.

Dona Carmem estava em seu escritório, aguardando-a.

— Boa noite, Dona Carmem.

— Boa noite, Lua. Percebi que você está um pouco ansiosa, aceita um chá?

— Obrigada, prefiro ir direto ao assunto.

Lua descreveu os últimos acontecimentos, desde o atropelamento, até sua busca pela garota e as conversas que tiveram. Carmem ficou preocupada com a segurança dela, mas não interrompeu, ouviu tudo até o fim.

— Certo Lua, e como posso ajudar?

— Dona Carmem, estou buscando um trabalho para a Magda onde ela possa dormir e ter uma pequena renda, para tirá-la de vez das ruas. Como usuária de drogas é necessário também que ela tenha algum tipo de ajuda mais específica, pensei na Dra. Lúdia, ela é psiquiatra e tem experiência com viciados, talvez possa nos ajudar.

— Quero muito colaborar, admiro muito sua coragem. Preciso de uns dias para organizar tudo, conversar com a Lúdia e providenciar uma moradia para a Magda.

Lua comemorava por dentro, Carmem sempre desejou uma oportunidade de retribuir toda a ajuda que tivera da garota, o asilo era a vida dela, sem marido e filhos, dedicou-se a filantropia durante toda sua vida adulta, era isso que a realizava e aqueles velhinhos eram sua família; antes trabalhou com crianças, e até animais, porém o asilo foi onde permaneceu por mais tempo e onde ironicamente desejava ficar até que ela necessitasse de ajuda.

— Obrigada, Dona Carmem, nem sei como agradecer, não sabe a necessidade que sinto de ajudar a Magda, racionalmente não consigo explicar o motivo, é algo muito forte dentro de mim.

— Te entendo perfeitamente, querida; senti isso em muitos momentos da minha vida, vai ser um prazer retribuir um pouco por tudo que fez pelos meus velhinhos.

— Está bem, fico aguardando seu contato. Vou dar a boa notícia a ela.

— Perfeito, darei urgência nisso. Pretendo inicialmente enviá-la para a nossa horta. — O asilo dispunha de um terreno onde cultivava vários alimentos que eram consumidos na instituição. — Acredito ser o mais adequado, não posso expor os nossos moradores a nenhum tipo de risco, após um tempo, de acordo com a evolução dela, podemos reavaliar e trazê-la para dentro do asilo, mas a princípio, acredito ser o mais prudente.

— Concordo plenamente, mais uma vez obrigada — disse radiante. As duas se levantaram e trocaram um abraço demorado, recheado de gratidão.

CAPÍTULO 12

LUA NÃO CONSEGUIU PREGAR O OLHO, já passava das três da manhã e ela só pensava em Magda e como seria essa mudança de vida da nova amiga, tinha medo que ela não conseguisse ficar longe das drogas e voltasse para as ruas. Ainda estava receosa quanto à ajuda por parte da Dra. Lúcia; tratar uma usuária sem ser dentro de uma clínica poderia ser bastante complexo... e assim, com a cabeça a mil, cochilou.

Quando o despertador tocou, Lua não se sentiu cansada, pelo contrário, estava bastante disposta, embora não tivesse dormido por muitas horas.

Saiu novamente antes dos pais, não aguentou e foi atrás de Magda para dar a boa notícia. Colocou seu jeans velho e uma camiseta larga como de praxe, chinelos nos pés e estava pronta para sua nova busca.

Demorou um pouco mais do que a vez anterior, mas encontrou Magda, acenou de longe, mas ela aparentemente não viu, virou as costas e saiu andando. Lua parou o carro e foi até ela a pé.

Quando se aproximou e chamou, ela olhou para a estudante como se nunca a tivesse visto, seu olhar vidrado deixava claro que **ela** havia se drogado.

Lua tentou tocá-la no ombro enquanto ela se virava, mas com um movimento brusco Magda acertou o rosto da estudante que caiu de cócoras.

— Me deixa! — ela gritou.

Lua ficou no chão olhando para ela sem reação, Magda saiu correndo. Uma moradora de rua mais idosa ajudou a jovem caída, que agradeceu e ouviu com atenção as palavras dela.

— Esse lugar não é para você, minha filha. Aquela ali não tem mais jeito, vendeu a alma para o crack. Isso assustou muito a futura médica veterinária, que percebeu que aqueles últimos encontros com Magda “limpa” foram exceção e a regra era aquela com a qual acabara de se deparar.

Arrasada, ela foi para a faculdade, sentou no seu lugar habitual, Maria e Luis perceberam que havia algo errado, mas quando questionaram a amiga ouviram um típico “não aconteceu nada”.

Lua nem sequer havia tirado o caderno da sua mochila, só pensava no que viveu alguns minutos antes e se era possível reverter a situação; chegou a pensar em desistir, mas a resiliência era uma qualidade que ela possuía assim como seu pai, com quem embora não tivesse afinidade alguma, admirava a capacidade de lidar com problemas.

Decidiu voltar todos os dias e tentar um novo contato até que conseguisse encontrar Magda bem. Agora, o que lhe preocupava é como seria a nova vida dela, o vício provocaria recaídas com toda a certeza.

O celular de Lua vibrou, no identificador de chamadas surgiu o nome de Carmem, aquilo gerou uma expectativa na estudante que saiu da sala em meio a uma aula teórica de técnica cirúrgica para atender.

— Bom dia, Dona Carmem.

— Bom dia, Lua. Tenho boas notícias.

— Que bom, Dona Carmem. Sou todo ouvidos. — Embora tentasse, não conseguiu disfarçar sua preocupação.

Carmem percebeu algo errado, mas preferiu prosseguir sem questioná-la.

— Já está tudo pronto para a vinda de Magda, inclusive a Lúdia já se propôs a nos ajudar, porém quer conversar com você antes, se possível ainda hoje.

— Está bem. Hoje, no mesmo horário do nosso último encontro?

— Perfeito, aguardaremos você.

— Está bem, muito obrigada por toda a ajuda, serei eternamente grata.

— Imagina, é um prazer retribuir um pouco do que fez por nós.

A conversa deixou Lua mais animada, **uma nova chama de esperança se reacendeu**, a estudante voltou com um semblante muito melhor, e Luis não pôde deixar de comentar.

— Não sei quem te ligou, mas tirou aquele semblante de quem chupou limão da sua cara. Se for algum “peguete” novo vai ter que passar pela minha sabatina e da Maria, grau máximo de dificuldade. Lua deu uma risada um pouco alta, a ponto de o professor interromper o que estava dizendo e olhar feio para ela, gerando um pedido de desculpas imediato.

Ela fez um cafuné na cabeça de Luis e a empurrou brincando com o amigo querido. Maria estava concentrada, anotando, só percebeu a interação entre os amigos quando o professor repreendeu Lua com o olhar, deu um sorriso para eles e mostrou a língua, mas continuou focada na aula, pois tinha

planos de ser cirurgiaã quando se formasse. Lua suspirou, fechou os olhos e pensou. “*Quem disse que seria fácil?*”

CAPÍTULO 13

E ALI ESTAVA LUA, DE FRENTE PARA LÍDIA sentindo certa ansiedade e uma insegurança muito grande. No início acreditava que não seria tão difícil ajudar Magda, mas tudo mudou após aquela agressão.

Ela não sabia se devia relatar o ocorrido para a médica, ficou com medo dela desistir da ajuda. Carmem não participava da conversa.

Após os cumprimentos Lídia iniciou a conversa.

— Muito bem, Lua, fui informada pela Carmem que receberemos uma usuária de drogas para trabalhar conosco, gostaria de saber um pouco mais sobre ela e entender o porquê do seu empenho em ajudá-la.

— Bem, Doutora, na realidade não sei muito sobre ela, o que me motivou a ajudá-la ainda é um pouco incerto para mim, é algo que não consigo descrever em palavras. Posso dizer que o destino contribuiu muito para isso. Quase atropelei a Magda em uma manhã quando vinha para cá, mas foi só um susto, ela ficou bem, só que estava drogada, pediu dinheiro e sumiu, não quis ir para o hospital nem conversar.

— E você a encontrou outras vezes, é isso?

— Exatamente, passado o susto decidi voltar até lá e conversar com ela, me vi naquela garota, queria entender mais a fundo o que se passava.

Lídia ouvia atentamente, questionava Lua em alguns pontos e foi obtendo informações que seriam úteis para o desafio que teriam pela frente. A estudante omitiu o encontro em que foi

agredida, mas disse que em uma ocasião encontrou Magda bastante entorpecida, possivelmente pelo uso de crack. Lídia então concluiu.

— Muito bem, Lua, temos muito trabalho pela frente. Já está tudo pronto para receber nossa amiga, ela precisa vir espontaneamente, isso é muito importante – frisou a médica.

— Perfeitamente, doutora, continuarei a procurá-la regularmente, quando ela estiver lúcida o suficiente, irei novamente propor sua vinda.

— Aguardo seu contato então. – Se levantou e apertou a mão de Lua do outro lado da mesa, que retribuiu cumprimentando a médica e agradecendo.

Quando estava saindo, a jovem estudante parou na porta, se virou para Lídia e disse:

— Realmente acredita que ela tem solução?

— Sinceramente, Lua, o usuário de crack nesse nível tem que lidar a vida inteira com seu vício, a recuperação nesses casos é muito complexa e passível de muitas recaídas, mas conheço muitas histórias de sucesso, aliás, essa é uma das ferramentas que utilizo para motivar quem está em início de tratamento, mostro inúmeros vídeos de depoimentos.

— Mas há também muitos que fracassam não há? – O tom melancólico na sua voz era bem evidente.

Lídia sorriu e disse.

— Prefiro me ater à metade cheia do copo.

Lua retribuiu o sorriso, piscou com um olho e deixou o escritório.

CAPÍTULO 14

LUA DECIDIU NÃO IR ATRÁS DE MAGDA PELA MANHÃ, seus pais questionaram a estudante a respeito de onde ia **todas as manhãs**, ela pensou em mentir e dizer que ia ao asilo, mas um telefonema por parte do sempre desconfiado Roberto e a mentira viria à tona.

Tomou café **com os pais** e deixou a “fuga” para o dia seguinte à tarde, quando teria uma janela nas aulas.

O pai questionou o sumiço de Lua nos dias anteriores, ela o ignorou e mudou de assunto perguntando para a mãe sobre um vestido que não **encontrara** em seu guarda-roupa; ele voltou a perguntar de maneira mais incisiva e os dois acabaram discutindo.

— Gostaria de um pouco de espaço, só isso, não fui me drogar se é essa sua preocupação — ironizou a estudante.

— Não seja infantil, só fiz uma pergunta simples e gostaria de uma resposta objetiva, está parecendo um político, fica dando voltas e não diz o que lhe foi questionado. — insistiu.

— Fui me exercitar, no parque do bairro. — Foi a primeira coisa lhe passou na cabeça. — Satisfeito?

— Você se exercitar às 5 da manhã? — perguntou retoricamente. — Espero que seja só isso mesmo. — Ela revirou os olhos, deu um beijo na mãe e saiu.

Seu relacionamento com o pai nunca foi bom, brigavam constantemente pelos mais variados motivos. No início, Patrícia intervia, mas desistiu, percebeu que a briga acabava antes quando ela não se metia.

Roberto apenas observou a filha sair, não disse mais nada. Os dois iam para a Unimor todas as manhãs, mas faziam questão de irem em horários distintos, para evitar o convívio forçado.

“Como minha mãe aguenta esse cara? Não tenho nem vontade de chamá-lo de pai. Bom, tenho outras coisas para resolver antes, isso sempre foi assim e não é agora que vai mudar, logo eu me formo, arrumo um emprego e vaço”. Imersa em seus pensamentos Lua notou que um carro similar ao do seu ex-namorado estava bem atrás do dela, não conseguia visualizar o motorista pois o vidro era bem escuro assim como o do ex. Decidiu então alterar sua rota para ver se ele a estava seguindo.

Após 15 minutos ela retomou o caminho para a faculdade e o CRV preto continuava atrás dela, mesmo acelerando e costurando no trânsito não se livrou dele.

— Foda-se, vou ligar para polícia – decidi.

Enquanto discava no celular, deu mais uma olhada e notou que havia dois vultos no carro, isso a deixou bastante preocupada; ficou se perguntando por que ele traria reforço, se quisesse uma simples discussão de relacionamento, viria atrás dela sozinho.

— Departamento de Polícia, em que posso ajudar? – disse uma voz feminina do outro lado da linha.

Quando Lua olhou pelo retrovisor já não avistou mais o veículo, ficou confusa, mas decidiu desligar o telefone sem responder.

— Meu Deus, será que era ele? – Ela não tinha certeza se era realmente o namorado naquele veículo, viu a silhueta de

duas pessoas, aparentemente dois homens, o que a deixou em pânico.

Lua chegou à faculdade, bastante assustada, após estacionar seu carro deu de cara com Luis, que percebeu algo errado com a amiga.

— Tudo bem, Lua, que cara é essa?

— Preciso te contar uma coisa. — Ela decidiu desabafar. — Acho que fui perseguida pelo Marcel, mas não tenho certeza, não sei se é coisa da minha cabeça, estou morrendo de medo.

— Calma, me conta o que rolou em detalhes.

Os dois passaram alguns minutos antes da aula começar conversando, Lua descreveu os acontecimentos, Luis não achava que Marcel seria tão maluco de tentar qualquer coisa contra ela, ele já tinha muitos problemas com a justiça.

— O que eu faço Lu? — questionou angustiada.

— Vamos fazer assim, eu vou com você até a sua casa hoje, e amanhã cedo te busco para a gente vir para a aula. Lua não podia permitir que Luis a acompanhasse, pois pretendia ir atrás de Magda. Teve que demonstrar uma falsa segurança, para que pudesse se livrar do amigo, não queria envolvê-lo no resgate da moradora de rua.

— Vou ficar bem, Lu, não precisa me acompanhar, você tem sua vida. Prometo que em qualquer circunstância esquisita, te ligo, o episódio de hoje deve ter sido neura minha, obrigada de qualquer forma. — E abraçou o amigo.

— Epa epa, epa! — Maria chegou enquanto os dois se abraçavam. Eles deram risada da amiga ciumenta, antes de soltar Lua, o amigo disse para ela não hesitar em chamá-lo caso fosse preciso. Luis virou e agarrou Maria antes que ela pudesse protestar, na sequência Lua abraçou a ambos, os três juntos geravam certa estranheza em outros colegas, muitos tinham

certeza que eles viviam um triângulo, eles não desmentiam e se divertiam com a situação.

CAPÍTULO 15

ROBERTO RECEBEU UMA NOVA ALUNA EM SUA SALA, foi muito gentil com ela e deu instruções a respeito da rotina na universidade. No final do encontro os dois se abraçaram, ela deu as costas e foi em direção a porta, o reitor ficou com um sorriso discreto no rosto que demorou mais do que o usual para se desfazer.

— Até mais tarde — disse a jovem que recebeu uma piscada como resposta.

CAPÍTULO 16

LUA FOI MAIS UMA VEZ ATRÁS DE MAGDA para reencontrá-la, torcia para que dessa vez ela estivesse de cara limpa, tinha medo de que a demora atrapalhasse os arranjos feitos por Lídia e Carmem.

Agora o medo de ser perseguida por Marcel também a preocupava. Dessa vez rodou somente de carro pelos becos onde sua protegida vivia, não pretendia descer se não fosse extremamente necessário, a última visita tinha sido traumatizante. O tempo estava fechado e a chuva era iminente, o que complicaria ainda mais uma busca se fosse realizada a pé.

Enquanto esperava alguns pedestres atravessando a sua frente, ouviu uma batida no vidro do passageiro. Era Magda com um sorriso no rosto, Lua nem acreditava no que via, destravou a porta, baixou o vidro e pediu para que ela entrasse.

— E aí, tudo bem? – disse Lua empolgada.

— Tudo... Com você também? – respondeu Magda meio constrangida.

— Sim, por que não estaria?

Lua não quis entrar no mérito do último encontro das duas.

— Preparada para mudar de vida?

— Acho que sim, mas como?

— Consegui um emprego, um lugar para você morar, e ainda ajuda de uma especialista para te ajudar a se livrar das drogas.

— Nossa! — Ficou calada e antes que Lua recomeçasse, ela continuou meio sem jeito. — Obrigada.

— Se quiser, agora mesmo te levo lá.

— Preciso me despedir de alguém antes, preciso dar um abraço em duas pessoas queridas.

— Está bem. Posso ir até lá com você?

— Claro, é um bar ali na esquina. Os donos me ajudaram muito em vários momentos, me deixavam dormir lá dentro nos dias de chuva forte ou frio, tentei até trabalhar, mas o crack não deixou — disse constrangida. — Mesmo assim eles ainda me estenderam a mão várias vezes.

As duas saíram do bar enxugando as lágrimas, aquela despedida foi muito emocionante, Magda prometeu voltar para visitá-los. Há muito tempo ela não se sentia tão bem, cheia de esperança e motivada.

Pegou também alguns poucos pertences que guardava nos fundos do bar, entre eles uma foto de seus pais, que embora não tivessem sido exemplares, eram por quem ela nutria algum sentimento bom.

As duas seguiram para o carro, Lua ia à frente quando sentiu um puxão no braço, ela se virou, pensando tratar-se de Magda, mas se deparou com Marcel.

Tentou soltar o braço, mas ele segurou firme, ela sentiu dor e protestou, mas ele não dizia nada, olhava para ela com um olhar assustador. Magda veio na sequência e mandou soltá-la.

— Vaza, sua piranha, meu assunto aqui é com ela — ele respondeu asperamente.

Magda se foi, Lua em choque não conseguiu dizer uma palavra enquanto a garota ia embora.

— Você está me machucando, o que quer comigo? — disse finalmente.

— Acertar as contas, me dá a chave do seu carro, rápido. — Antes que ela protestasse ele mostrou uma arma que carregava na cintura, Lua obedeceu sentindo um medo como nunca tinha sentido antes. Ela entrou no veículo pelo passageiro, pouco tempo depois ouviu um barulho e viu Marcel caindo desmaiado ao lado do carro, Magda estava atrás com um pedaço de cano nas mãos.

— Vamos, antes que ele acorde! — disse enquanto largava o cano e pegava a chave.

Lua pulou para o motorista, Magda entrou no carro e as duas partiram.

— Magda, você pode ter matado ele — ela disse assustada.

— Não matei ninguém, ele só vai acordar com uma baita dor de cabeça e provavelmente sem a carteira. O que vai fazer agora?

— Vou até a polícia. — Não pode ir até a polícia, vai ter que contar o que aconteceu e provavelmente vai sobrar para mim.

— Mas ele vai continuar me perseguindo, preciso fazer alguma coisa, você não precisa ir até lá comigo, posso dizer que algum morador de rua qualquer o agrediu.

— Alguma câmera pode ter registrado a cena, alguma testemunha pode depor, sei lá... eu vou levar a pior se você for até eles — insistiu de forma ainda mais incisiva.

— Está bem, vou dar outro jeito de manter esse cara longe, preciso pelo menos saber se ele ficou bem, não estou tranquila quanto ao que aconteceu, por pior que seja o caráter dele, não quero que ninguém se machuque.

- Espero que ele pense o mesmo a seu respeito — Magda rebateu.

CAPÍTULO 17

PATRÍCIA NOTOU O MARIDO MUITO BEM-HUMORADO, ao invés de ficar imaginando o que o teria deixado assim, decidiu não pensar em teorias da conspiração e simplesmente aproveitar o bom estado de espírito do marido.

— Por que não saímos para jantar, meu bem?

— Estou um pouco cansado para sair, mas vamos abrir uma garrafa de um bom vinho e pedir alguma coisa para comer – ele respondeu com um tom carinhoso na voz, coisa que não era muito comum.

— Está bem – ela concordou. — Pizza mesmo?

— Está ótimo, rúcula com tomate seco e uma doce para sobremesa.

Eis que a porta se abriu, Lua entrou, desejou um rápido boa noite e subiu para o seu quarto correndo.

— Lua, você quer pizza de quê? – tentou a mãe em vão.

Lua chegou a casa com o celular descarregado, pegou o carregador, ligou correndo o aparelho e discou o número da sua melhor amiga.

— Alô, Maria!

— Que foi, Lua, tá tudo bem?

— Preciso de um favor, você consegue ver a casa do Marcel pela janela do seu quarto, não consegue?

Os dois moravam no mesmo condomínio, em casas próximas.

— O carro dele está aí?

— Deixa eu ver, estou sem óculos. — Calçou os chinelos e foi até a janela — Sim, por quê?

— Graças a Deus!

— Que houve, Lua, estou preocupada com você? — questionou a amiga.

— Longa história, amanhã te conto em detalhes, aliás já devia ter contado há tempos. Pode ficar tranquila que estou bem.

— Beleza então, se cuida hein.

— Você também.

Mal desligou já discou novamente, alguns toques depois Magda atende.

— Alô! — disse meio insegura. — Oi é a Lua, tudo bem por aí? Está bem acomodada?

— Tudo ótimo, nem acredito que vou dormir numa cama com lençóis.

— Que bom, amanhã cedo a Dona Carmem vai te visitar para vocês tomarem café juntas, acho que a tarde a Doutora Lídia vai falar com você.

— Certo, estarei de pé cedo então, obrigada, Lua — disse, e mesmo pelo telefone era nítido seu sorriso. Lua retribuiu o sorriso e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Fico feliz em ajudar. — Deram uma pausa e a futura médica veterinária emendou: — Liguei para uma amiga que mora de frente para o Marcel, parece que ele voltou para casa, pelo menos o carro está na garagem.

— Mas o que você vai fazer, ele foi atrás de você armado?

— Não sei, preciso falar com meus pais, talvez a polícia entre no jogo, agora acho que você está segura e não vou comentar sua presença, vou dizer que um morador de rua qualquer o atingiu quando viu que ele me ameaçava, vou pensar bem na história para não cair em contradição.

— Tenho um pouco de medo de polícia, eu e meus amigos éramos muito humilhados por eles, mas no caso, sua segurança é o mais importante.

— É, estou meio anestesiada sabe, nem medo estou sentindo, é estranho.

— Cuidado, se tem uma coisa que aprendi na rua é que o medo é um grande amigo, te mantém vivo.

— Vou me cuidar, aproveitar o jantar e falar com meus pais, e você aproveita sua cama.

— Vou sim, mais uma vez obrigada, boa noite.

— Boa noite! – desligou e ficou com o olhar perdido, sua mente estava muito inquieta, o dia foi agitado como há muito não era. Lua estava sem coragem para enfrentar os pais e contar da perseguição que vinha sofrendo, não queria preocupá-los, e não queria mais escândalos, a agressão que sofreu já foi o suficiente.

Roberto pegou o telefone e ligou para a polícia, Lua contou sobre tudo o que aconteceu no seu dia, mencionou um morador de rua que a salvou do ex-namorado, disse que parou o carro quando ia até o asilo porque ouviu um barulho estranho e pensou que o pneu pudesse estar furado e nesse momento foi abordada. Disse também que Marcel provavelmente estava bem porque Maria viu o carro de volta na sua casa. Embora um pouco assustada e receosa de um novo escândalo, Lua ficou de certa

forma aliviada de compartilhar com os pais toda essa história com Marcel. Agora, o que a intrigava era a arma com o rapaz, não acreditava que ele tivesse a intenção de machucá-la, por mais descontrolado que ele fosse, isso era algo que não condizia com a obsessão que ele tinha por ela.

— Meu Deus! — Lua exclamou muito assustada.

— O que houve? — perguntou a mãe.

— O Marcel, ele vai fazer uma besteira, vamos até a casa dele.

— O que está acontecendo, Lua? — questionou o pai enquanto desligava o telefone antes de completar a ligação.

— Eu lembrei de uma coisa, precisamos correr, vamos pai.

— Roberto fez menção de dizer algo e Lua gritou já chorosa.

— Vamos, pai! — Ele se apressou, pegou as chaves do carro e disse para Patrícia ligar para os pais de Marcel; Lua ligou para Maria enquanto dirigiam até o condomínio onde o ex morava.

— Maria, por favor, vai até a casa do Marcel — disse chorando.

— Lua, já estou aqui — disse com pesar na voz.

CAPÍTULO 18

LUA ESTAVA DESOLADA, sabia que a culpa pela morte de Marcel era sua por mais que todos dissessem o oposto. Ela sentia como se tivesse dado o tiro no ex-namorado, desejava estar presa, ou morta no lugar dele; todo aquele rancor que sentiu um dia não existia mais, nunca imaginou que as coisas chegariam a esse ponto.

O dia seria muito difícil, ela iria, na parte da tarde, até a delegacia conversar com o delegado que investigava a morte de Marcel, embora fosse evidente o suicídio era de praxe instaurar um inquérito nesses casos.

Após o termino forçado do relacionamento, Marcel mandou muitas mensagens para o celular de Lua, hora se dizia apaixonado e arrependido, em outros momentos era mais hostil, mas ela ignorava os fatos, já totalmente desapegada do ex.

Quando contou aos pais no dia anterior tudo que havia acontecido, lembrou-se do teor de uma das mensagens enviadas por ele, que embora chamasse sua atenção, parecia tratar-se de um blefe.

“Não conseguirei ser ignorado por muito tempo, prefiro morrer a não ter a oportunidade de dizer, olhando no seu olho, tudo o que vem se acumulando em meu peito, já estou chegando ao meu limite e você será a espectadora que assistirá de camarote a minha viagem ao fundo do poço.”

Lua arrepiou-se quando leu a mensagem, mas não deu importância, ainda sentia mágoa do ex e sinceramente não acreditava que ele chegaria a esse extremo.

Quando contou aos pais a perseguição que sofreu e o desfecho daquele dia é que tudo ficou claro, Marcel foi atrás dela não para machucá-la, mas para fazê-la assistir o seu fim; como seu objetivo foi frustrado quando Magda o atingiu, ele foi para casa posteriormente e cometeu o suicídio.

Lua levantou-se da cama assustada, lembrou-se do dia em que foi perseguida e viu outra pessoa no banco do passageiro do carro de Marcel, não pôde identificar quem era, mas tinha um palpite.

CAPÍTULO 19

MAGDA RECEBEU A VISITA DE DONA CARMEM logo cedo como Lua prometeu, ficou a par da morte de Marcel e extremamente preocupada com a amiga, esperava poder vê-la em breve.

Carmem tentou deixar a jovem bem à vontade, não tocaram no assunto Marcel mais do que o necessário, Magda contou resumidamente sua história que Carmem embora conhecesse, ouvia atentamente.

Deixou muito clara sua alegria em ter aquela oportunidade e agradeceu muito por ela.

Na sequência, Dra. Lúcia chegou, cumprimentou as duas efusivamente, Carmem deixou a sala e a médica iniciou a conversa buscando o máximo de detalhes.

Magda não se inibiu, abriu sua história com uma riqueza enorme de detalhes, mas ao invés de chocar, quem ficou chocada foi ela. Lúcia disse que para saber exatamente como a droga age no organismo, experimentou todas elas, exceto uma que não teve coragem, o crack.

O tempo passou rápido e aquela sessão foi muito produtiva, Magda continuava cheia de esperança de mudar de vida, porém assim que voltou para o seu quarto, algo começou a incomodá-la e a jovem foi tomada por uma tristeza profunda.

Essa depressão era decorrente da abstinência, mesmo tomando uma medicação, seria uma fase muito difícil, em que a maioria dos pacientes tinha alguma recaída e até abandonava o tratamento. Ela teria que ser forte, por mais que estivesse sendo auxiliada, sabia que dependia mais dela a recuperação do que da terapia em si, ouviu isso de Lídia várias vezes naquele dia.

Tentou tomar um banho gelado, fazer alguns exercícios físicos, cantar, fumou todo um maço de cigarros, mas aquela agonia só aumentava, ela parecia estar prestes a explodir.

Tentou tomar um comprimido que recebeu de Lídia, mas o tempo passava e o efeito tranquilizador parecia não chegar nunca, talvez pela carga alta de adrenalina, aquela tarja preta parecia uma simples bala de açúcar.

Então sucumbiu ao vício, tirou uma pedra que havia escondido em meio as suas roupas e utilizando uma lata vazia de refrigerantes acabou com sua agonia.

CAPÍTULO 20

LUA DEIXOU A DELEGACIA APÓS PRESTAR DEPOIMENTO, disse que foi seguida pelo ex, mas não contou que percebeu mais uma pessoa dentro do veículo, contou do episódio na cracolândia e disse que foi salva por um morador de rua que fugiu após o incidente.

Mostrou também as mensagens que Marcel enviou desde o rompimento. Esperava livrar-se logo daquele inferno em que vivia, queria voltar para suas atividades filantrópicas e rever Magda, retomar a rotina não seria fácil, enfrentaria mais uma vez olhares inquisidores na Universidade, pensou até em trancar a matrícula e voltar no semestre seguinte ou até abandonar o curso.

Antes de retomar a rotina precisava, porém, conversar com o acompanhante de Marcel naquele dia em que foi perseguida, tinha um palpito. Já pegava o celular na sua bolsa quando ele tocou, viu o número do asilo e atendeu rapidamente.

— Olá, Dona Carmem. Boa tarde.

— Boa tarde, Lua. — E antes que ela dissesse qualquer coisa, Carmem emendou. — Temos um problema, a Magda sumiu.

— Estou indo até aí — desligou e saiu rapidamente.

Dirigiu apressada, antes de chegar decidiu passar pelas ruas onde encontrou com Magda pela primeira vez.

Ao longe viu o hotel onde a encontrou transando **naquele segundo encontro** e decidiu ir até lá mais uma vez.

Dito e feito, estava lá, no mesmo quarto e nua. Dessa vez não havia ninguém com ela, só que estava apagada e não reagia **aos chamados de Lua**. A estudante pegou nos ombros de Magda e a balançou com força, ela apenas deu um resmungo. Lua checou o pulso da amiga e estava forte, vestiu a garota e tentou em vão carregá-la.

Não sabia a quem recorrer, precisava de ajuda, decidiu então ir até o bar onde Magda estivera antes de se mudar para a horta do asilo, lá encontraria alguma ajuda masculina para transportá-la para o seu carro.

Trancou a porta com uma chave que estava por dentro e deixou o hotel em direção ao bar.

Lua ficou ao lado da cama de Magda checando o seu pulso, Lúdia estava a caminho do asilo. Cogitavam enviá-la ao hospital, mas a médica descartou essa necessidade quando examinou a jovem. Deixaram-na dormindo e foram até o escritório conversar.

— Lua, por hora ela se recupera aqui, mas acho que será necessário interná-la para tratar o vício. O problema é que se recorrermos ao sistema público, demoraremos para conseguir a vaga e o breve tratamento oferecido talvez não resolva o problema. Tenho alguns contatos em clínicas particulares, posso conseguir algumas vantagens, mas dificilmente algo gratuito.

— Entendo, tinha pensado nessa possibilidade, vou precisar de algum tempo, mas acho que consigo ajuda do meu avô, a única coisa é que ele não pode saber o real motivo, tem repulsa a usuários de drogas, usa aquele discurso de vagabundos, marginais,

enfim... Aquela cabeça antiga e limitada. Terei que pensar numa boa história.

— Olha Lua, realmente não sou adepta de mentiras, mas confesso que estou envolvida com esse caso e admiro muito toda a sua luta, vou apoiá-la no que for preciso.

— Obrigada, Lúdia, vou ligar para ele ainda hoje, só preciso de alguma ideia dos custos.

— Também farei algumas ligações para ver o que consigo e te ligo em seguida com um valor definido. Hoje não tenho nenhum compromisso, fico aqui com a Magda até que ela esteja melhor, já introduzo o assunto da internação.

Lua deixou o asilo já pensando na desculpa que daria a seus pais pelo sumiço repentino, tinha várias chamadas perdidas da mãe, mandou uma mensagem para acalmá-la, mas apenas disse que estava bem e não onde estava.

O dia tinha sido longo e agora tinha um novo problema, mas ela não se queixava, sentia-se bem pelo que estava fazendo e felizmente sua família, especialmente seu avô, era muito abastada, na realidade já tinha o dinheiro para o tratamento, pelo menos por algum tempo.

Seu avô fazia depósitos regulares em uma poupança, que ela prometeu não tocar até o fim da faculdade, ele não tinha acesso ao extrato, confiava na neta. De qualquer forma ela calcularia o rendimento e o montante total como se nada tivesse mudado, para caso fosse questionada do valor como às vezes fazia o avô.

Lua lembrou-se do que estava resolvendo quando foi chamada por Carmem, pegou seu celular, configurou para que

sua chamada não fosse identificada e discou o número que já sabia de cor.

Uma voz masculina atendeu com um tom de desconfiança, e Lua foi curta e grossa.

— É a Lua, preciso falar com você.

— Não temos nada o que conversar – refutou.

— Temos sim e você sabe disso, se não quiser conversar comigo, vou até a delegacia e digo que fui seguida pelo e Marcel e você no dia em que ele se matou – blefou, embora não tivesse identificado a pessoa no carro.

— Faça isso. – E desligou.

— Filho da Puta, vou até lá.

CAPÍTULO 21

ROBERTO CHEGOU AO FIM DE TARDE, Marina já estava de pijama, seus olhos brilhavam quando viu o reitor, ele retribuiu o olhar, sorriu e perguntou.

— E qual é o cardápio do jantar?

— Macarrão com queijo, lógico, uma das únicas coisas que sei fazer e que fica razoavelmente gostosa.

— Para mim está excelente.

— Gostei da decoração. — E apontou para um sutiã jogado no braço do sofá.

— É bem pitoresca, né? — Os dois deram risada e se abraçaram. Acariciaram o rosto um do outro e iniciaram o jantar.

Roberto não podia chegar tarde demais, senão Patrícia poderia desconfiar. Ele preferia abrir mão de algum tempo com Marina do que levantar suspeitas na sua própria casa.

CAPÍTULO 22

LUA CHEGOU À OFICINA, Elias estava atendendo a um cliente, quando a viu fez uma cara feia, mas sinalizou para que ela esperasse. Sabia que ela apareceria depois daquela ligação. Assim que concluiu o atendimento sinalizou para que ela se aproximasse, quando ela ia dizer alguma coisa, ele interrompeu.

— Vamos para a minha sala, isso não é assunto para resolvermos aqui. Caminharam até lá, ele fechou a porta, mandou Lua sentar e pegou um café para os dois em uma cafeteira que ficava dentro do seu escritório. Já conhecia Lua há algum tempo e sabia que ela não recusaria a bebida quente a qual consumia várias vezes durante o dia assim como ele.

Ela agradeceu a gentileza, Elias sentou-se na sua cadeira atrás da mesa de frente pra Lua.

— E aí, como foi na delegacia? – ele disse ironicamente, tendo a certeza de que ela não havia ido até lá.

— Claro que não fui até lá, aliás, não mencionei o segundo ocupante no carro aquele dia em que fui perseguida.

— Até porque você não sabe quem estava com ele – emendou.

— Sei muito bem que era você. – Ele riu.

— O que você quer comigo?

— Quero saber o que estava rolando aquele dia, felizmente fui salva pela... por aquela moradora de rua que atingiu o Marcel

na cabeça; não entendo se ele ia me matar, se ia se matar na minha frente. Sei que você sabe dos detalhes, pelo menos quais eram as intenções dele, preciso muito saber, Elias, estou ficando louca, não paro de pensar nisso, apesar de tudo, ele era meu namorado.

Elias e Marcel eram muito próximos; os pais de ambos além da relação de trabalho tinham uma forte amizade herdada pelos filhos. O pai de Elias sempre cuidou de vários assuntos para o pai de Marcel, era uma espécie de assessor de extrema confiança, ganhou muito dinheiro por sua fidelidade e pelos assuntos delicados de que cuidava para o advogado; ambos, inclusive, moravam em casas vizinhas no Residencial Dream.

— Olha, Lua, se eu posso te ajudar de alguma forma, é dizendo que você não poderia ter impedido o que aconteceu, o Marcel estava surtado, essa atitude radical não envolve só o que aconteceu entre vocês, ele tinha muitos outros problemas pessoais que estavam pesando. Segue sua vida, não vai mais atrás dessa história, **senão quem vai ficar maluca é você.**

— Não dá para esquecer, Elias, ele deu um tiro na cabeça depois de vir atrás de mim, de mandar aquela mensagem assustadora; tem mais coisa nessa história, e você sabe o que é, você estava com ele aquele dia.

O telefone sobre a mesa tocou, Elias fez um sinal para Lua aguardar e atendeu a chamada. Ela bufou, odiou a interrupção.

Quando ele desligou, complementou depois de respirar fundo.

— Era eu com ele aquele dia, Lua, fui junto só para garantir a sua segurança, acredite em mim, você estava segura.

— Ele veio atrás de mim com uma arma, como eu estava segura?

— A arma estava descarregada, eu fiz isso sem que o Marcel percebesse, mas do jeito que ele estava irritado não adiantava

tentar impedi-lo. Agora já falei demais, tenho que voltar ao trabalho, me deixa, por favor, esquece essa história, juro que fiz o que pude para evitar toda essa desgraça; não quero mais tocar nesse assunto, é um fantasma que vai estar comigo pelo resto da minha vida; perdi um amigo e me sinto culpado por isso, mas fico feliz de certa forma por ver você bem.

Lua não estava entendendo nada, decidiu não insistir mais, precisava digerir aquilo tudo que ouviu, mas queria uma nova oportunidade para conversar com Elias.

— Tudo bem, eu vou embora, mas a gente ainda vai se falar, e fica tranquilo que não vou dizer a ninguém que você estava com ele aquele dia em que fui seguida.

— Eu agradeço.

Lua saiu pela porta do escritório, sentiu certo clima no ar, durante anos teve a sensação de que Elias sentia uma atração por ela, isso pareceu muito forte agora na maneira como ele a olhava, mas partiu sem dizer mais nada.

Ficou por um tempo agarrada ao volante de seu carro, digerindo tudo o que ouviu. Será que ele sabia que Marcel pretendia cometer o suicídio? Por que não o impediu? Tudo era muito confuso e Lua não era de deixar nada mal resolvido, usaria a atração de Elias por ela para conseguir um novo encontro, meio cruel talvez, mas um recurso do qual ela não poderia abrir mão diante de tantos detalhes obscuros nessa história.

CAPÍTULO 23

LUA PASSOU A MANHÃ INTEIRA CONVERSANDO COM LÍDIA, o valor da internação de Magda a assustou um pouco, mas pela qualidade do tratamento oferecido, valia a pena. Ligou em seguida para a ex-moradora de rua que estava um pouco assustada com a novidade, mas disposta a se dedicar ao tratamento, afinal era uma oportunidade caída do céu, não podia recusar.

Em dois dias Lua a apanharia para levá-la ao seu novo lar.

Lua ainda devia um esclarecimento a Maria e Luís, seus grandes amigos com quem perdeu um pouco de contato nos últimos dias, devido a todos os acontecimentos que eles só conheciam parcialmente, queria se abrir com eles.

Marcaram no apartamento de Luís, Lua não queria fazer em sua casa pela falta de privacidade que teriam com seus pais lá e também não gostaria de ir até casa de Maria, já que Marcel havia cometido suicídio a poucos metros dali.

Jantariam todos juntos, Luís cozinharía como sempre, já que as amigas não tinham a capacidade de sequer fazer um ovo frito, suas últimas tentativas puseram em risco a integridade do prédio e renderam boas histórias.

Quando chegou, Luís e Maria já estavam aguardando a amiga, curiosamente os dois de cabelo molhado. Lua brincou com isso e eles, sem nenhum constrangimento, disseram que

tomaram o cuidado de remover o lixo com os preservativos, Lua retrucou:

— Que bom que vocês têm usado camisinha, se bem que gostaria de um afilhado.

Maria bateu três vezes na mesa.

— Bate na madeira, Lua, não estou pronta para ter um filho.

— Engraçadinha – Luís complementou. — Vou acabar o nosso rango para termos logo esse papinho brabo.

Sentaram-se os três ao redor de uma mesa com tampo de mármore pequena, uma das cadeiras tubulares apresentava o assento meio solto, mas Luís já estava acostumado e se equilibrava sobre ele.

Lua começou o seu relato, os amigos ficaram assustados com a quantidade de novidades, questionaram muitas vezes a amiga e até chamaram-na de maluca, mas mais ouviam do que falavam.

Ela falou muito sobre a forte ligação que sentiu com Magda, relatou a perseguição de Marcel, mas omitiu a presença de Elias, assim como fez no seu depoimento à polícia.

— Nossa, Lua, agora entendo muita coisa, a gente podia te ajudar sabia? – disse Maria queixosa depois de tanta omissão por parte da amiga.

— Eu sei, amiga, mas tudo foi acontecendo junto, não conseguia organizar as ideias e não queria expor vocês aos riscos pelos quais passei especialmente na cracolândia.

— Exatamente por isso tinha que ter nos contado – complementou Luís, uma veia saltava de sua testa, sempre que ele dizia alguma coisa de forma mais enfática, como naquela circunstância.

— Olhem, meus queridos... — O olhar doce dela sempre fazia os amigos abrirem a guarda, não era um recurso que ela utilizava de maneira artificial, realmente amava os dois e tinha a bondade na sua essência. — Sei que omiti muita coisa, mas, quero corrigir isso, preciso muito de alguém com quem conversar, sabem como é lá em casa, não me dou bem com meu pai e não posso colocá-lo a par de tudo que vocês ouviram. Minha mãe tem uma cabeça muito pequena, ficaria horrorizada com algumas coisas. Não preciso de ajuda com a Magda, já está tudo sob controle, é só suporte emocional mesmo, me desculpem pela ausência nas últimas semanas, prometo voltar a ser aquela amiga de antes.

Os dois amigos assentiram que estava tudo bem e abraçaram-na.

Luís e Maria ainda pregaram um sermão mais leve na amiga, mas em poucos minutos já estavam falando bobagens e dando risada.

Depois de jantarem, o clima ficou tenso novamente e Luís olhando para Maria disse que havia alguma coisa **de** que Lua precisava saber.

— Outro dia estava andando pelo corredor em que fica a sala do seu pai, procurava minha correntinha de Aparecida, provavelmente arrebentou e caiu do meu pescoço... enfim, o prédio estava praticamente deserto, foi depois da aula.

— E...? — insistiu Lua ansiosa.

— Vi aquela garota nova transferida, a Marina sabe?

— Sei sim, o que tem ela? — ansiosa Lua insistiu.

— Estava saindo da sala do **reitor** com um sorrisinho muito esquisito no rosto.

CAPÍTULO 24

— MAS O QUE TEM DE ERRADO NISSO?

— Então Lua, ele saiu logo atrás com o mesmo sorriso, enfim, achei muito informal, ainda mais conhecendo o jeito todo certinho dele. Eles não me viram, eu estava no fim do corredor meio escondido atrás do armário...

— Tem mais, Lua – interrompeu Maria. — Eu segui a Marina outro dia depois da aula, ela voltou na sala do seu pai, passei rapidamente pela porta tentando ouvir alguma coisa e só o que ouvi foram umas risadas.

— Açam que eles têm um caso? — Lua não fez rodeios.

— É impossível afirmar, Lua, existe a possibilidade, mas acho que deveríamos ficar de olho até termos certeza do que acontece.

— Isso é grave, gente, nunca pensei que meu pai fosse desses.

— Calma, Lua, não dá para concluir nada. — Luís apressou-se em dizer.

— Nossa, estou assustada, preciso ficar de olho nesses dois, se for o que parece preciso tomar uma atitude.

— Nós te ajudamos a investigar, Lua, mas tenta ser mais imparcial, não o condene antes de saber o que de fato está rolando. Sei que vocês não se dão, mas mais do que nunca você não pode transparecer que tem alguma coisa errada, senão ele vai se ligar e manter mais a discrição, aí não vamos conseguir pegá-lo.

— É, você tem razão... mais essa agora – ela disse desanimada.

Maria abraçou a amiga, e disse:

— Vai ficar tudo bem, amor. E pode não ser o que parece.

— E se for, castro ele, pelo menos isso aprendi a fazer bem na veterinária – tentou quebrar o gelo.

CAPÍTULO 25

LUA PASSOU UM TEMPO OBSERVANDO MARINA no pátio da fonte, ela parecia não perceber estar sendo observada, ouvia música e rabiscava em um caderno, mexia os lábios suavemente no que parecia ser um tímido canto.

Ela era realmente muito bonita, uma mulher por quem qualquer homem se interessaria. Algo no olhar daquela garota era familiar, por um instante Lua chegou a acreditar que havia algum mal-entendido, mas a descrição feita pelos amigos daqueles encontros soava um tanto suspeita.

Lua aproximou-se, percebendo a aproximação, Marina retirou os fones e deu um sorriso tímido.

— Tudo bem? – disse a filha do Reitor.

— Tudo e você? – E antes que ela respondesse.

— Lua, né?

— Isso, você me conhece? – Ela ficou constrangida, seguramente Marina já sabia da briga com Marcel, naquele mesmo pátio onde as duas conversavam.

— Você é filha do Professor Roberto, não é isso? – O sangue ferveu, mas Lua se conteve e respondeu educadamente.

— Isso mesmo, conhece o papai?

— Sim, sou transferida, ele me apresentou a grade do curso, apresentou a faculdade e falou de você, disse que a filha dele

estuda aqui também. Aí me mostrou uma foto, te reconheci um dia desses.

— É mesmo? — E antes que pudesse dizer algo mais, Marina se levantou e disse que precisava voltar para aula. Lua achou aquilo bastante estranho, teve a impressão de que a garota estava fugindo **dela**, e percebeu em seguida que o pai observava a tudo da janela de sua sala.

Ela olhou **para ele** e fez questão de dar um aceno, ele respondeu meio constrangido. Se antes Lua somente desconfiava de algo, agora **ela** tinha certeza. Seu pai e Marina tinham algum vínculo que extrapolava a simples relação entre Reitor e **a** aluna transferida.

De qualquer maneira ela não poderia precipitar-se sem ter alguma prova concreta, precisava ser cautelosa, aquela conversa no pátio, embora muito útil, foi o tipo de vacilo que **ela** não poderia repetir, pois permitia ao pai se blindar para evitar ser pego.

Antes que entrasse de novo no prédio de aulas **o** celular **de** **Lua** tocou, ela atendeu o número desconhecido.

— Lua, é o Elias, preciso falar com você, não aguento mais.
— **Lua** sentiu essa angústia logo nas primeiras palavras, havia algo muito errado.

— Calma, a gente conversa, quer que eu te encontre amanhã na oficina?

— Tem que ser hoje senão eu vou explodir.

— Tudo bem, só que não posso matar aula, tenho muita falta, tem que ser quando acabar, depois da 18h.

— Tá, mas vem logo.

— Fica calmo, a gente conversa **logo**.

Desligou, sentiu um frio na barriga, sabia que o assunto tinha relação com a morte de Marcel, ficou receosa de ir sozinha,

Elias estava muito estranho. Decidiu avisar Maria e Luís do encontro, mas eles não poderiam ir com ela, apenas ficariam de sobreaviso caso algo acontecesse. “*Será que minha história com o Marvel não vai acabar nunca?*”

CAPÍTULO 26

LUA ENCONTROU ELIAS JÁ NA PORTA DA OFICINA, Luis e Maria estavam avisados, se a amiga não mandasse uma mensagem, eles iriam até lá verificar se estava tudo bem.

Elias não tinha nenhum histórico de ser perigoso, já seu pai, sim. Elson era chefe da segurança do pai de Marcel. Elson tinha muita experiência em segurança privada, tanto que montou sua empresa com o apoio de Rubens, o pai de Marcel, fazia questão de cuidar particularmente da segurança do vizinho e amigo, de certa forma nunca incorporou seu status de empresário a sua rotina, sempre trabalhou “a campo”. A morte de Marcel foi um choque para ele, tinha um afeto pelo garoto que viu crescer, quase tanto quanto tinha por Elias.

Os dois se cumprimentaram rapidamente com um beijo no rosto e foram ao escritório, já não havia mais ninguém por lá. A angústia era visível no rosto de Elias que transpirava mais que o normal, já que se tratava de um fim de tarde com temperatura bastante amena.

Sentaram-se, Elias na sua cadeira, atrás da mesa, e Lua de frente para ele, do lado oposto. Antes que ela pudesse dizer algo, ele começou:

— Tem mais coisa que você precisa saber sobre a morte do Marcel, não consigo esconder mais, preciso desabafar com alguém e acho que só você pode me entender.

Lua tentou parecer calma e afetuosa para não inibir Elias, tinha certeza que havia algo a mais naquela morte que não uma simples desilusão amorosa. Diante dela estava o único que sabia o que de fato aconteceu.

— Vai em frente, desabafa, vai te fazer bem.

— É difícil pra mim... Aquela manhã o Marcel me disse que ia atrás de você para dar um basta em tudo o que aconteceu, nós éramos muito próximos, sempre que ele ou eu fazíamos alguma coisa, com grandes consequências podemos assim dizer, estávamos juntos cuidando um do outro. Não me disse exatamente o plano, mas estava com uma arma, então deduzi que ele ia te fazer mal, só que não podia contrariá-lo; ele estava bem atordoado e podia sobrar para mim, eu estava desarmado. — Bebeu um gole de água e continuou:

— No meio do caminho até a faculdade, onde iríamos esperar que você sáísse, ele parou para abastecer e deixou a arma e o celular no carro. Foi a minha oportunidade, tirei toda a munição dela e te mandei aquela mensagem suicida do celular dele como se fosse o próprio que estava mandando, sabia a senha dele de tanto observá-lo desbloqueando. A arma descarregada garantiria que mesmo que ele tentasse alguma coisa contra você, nada mais grave ocorreria.

— Por que a mensagem? — Lua não entendeu esse detalhe, embora estivesse bastante óbvio, sua ingenuidade momentânea permitiu que ela se mantivesse calma ouvindo Elias.

— Calma, eu vou chegar lá. — Respirou fundo e prosseguiu: — Quando você parou o carro naquele bairro estranho, nós ficamos de olho, o Marcel desceu armado e ficou esperando escondido que você voltasse, a ideia era te levar no seu próprio veículo, eu não tentei impedir, porque queria uma solução definitiva para o problema, se eu o impedisse naquele momento,

não teríamos nada que justificasse ele ser preso de novo e assim ficaria solto e poderia ir atrás de você novamente, queria o Marcel fazendo uma besteira muito grande. Eu estava na retaguarda para garantir que ele não te machucasse. Aí aconteceu aquilo que você já sabe, a menina que bateu nele enquanto ele te levava... — E antes que ele pudesse concluir a frase, Lua deu um grito assustada, com os olhos arregalados e a mão na boca se afastou da mesa e afirmou:

— Você o matou!

— Lua, era você ou ele, eu não tinha escolha! — As lágrimas escorriam pelo seu rosto. **Lua** não sabia o que **fazia**, se saía correndo, se ficava ali digerindo tudo, estava confusa, Elias matou Marcel, mas salvou a vida dela. Só que ela agora sabia de um assassinato e estava de frente para o assassino, deveria denunciá-lo ou ser grata? — Se quiser me denunciar, vou entender, eu te amo, Lua, sempre amei, não podia deixar que ele te fizesse mal.

— Preciso ir. — Ela pegou a bolsa e saiu rapidamente pela porta. Ele nem sequer tentou impedi-la, ficou de cabeça baixa e aceitou sua fuga.

CAPÍTULO 27

CHEGOU O DIA DA INTERNAÇÃO DE MAGDA, Lua estava feliz por ela, mas atordoada com a conversa que tivera com Elias no dia anterior, ignorou as ligações dele, não foi até a polícia, nem contou a Maria e Luís os detalhes daquela noite.

De certa forma sentia gratidão, embora sua razão não deixasse que este fosse o sentimento predominante. Precisando desabafar com alguém, no caminho para a clínica, Lua contou a Magda tudo o que ouviu de Elias, mesmo já tendo visto muita coisa surpreendente nas ruas, ela ficou espantada com a história, mas não colocou Elias em um patamar de vilão, defendeu sua atitude.

Disse para Lua ser cautelosa, pois poderia haver mais detalhes nessa história que ela desconhecia e confessou para a amiga que era um pouco sensível. Lua sempre se surpreendia com aquela que agora considerava uma amiga; decidiu guardar as recomendações, evitaria contato com Elias, por enquanto, queria digerir bem tudo aquilo antes de estabelecer um novo diálogo com ele.

Chegaram à clínica e o assunto foi forçosamente encerrado. Conheceram as instalações e Magda foi apresentada ao seu quarto, espaçoso, iluminado e arejado esbanjava um conforto que ela valorizava muito após ter morado nas ruas.

A despedida entre as duas foi difícil, ambas choraram muito, mas o sentimento era positivo, mais do que amigas sentiam-se irmãs, a porta se fechou na frente de ambas que tiveram seu olhar separado por aquele imenso portão de madeira.

Antes que Lua tivesse tempo para imergir em pensamentos a respeito do que viveu nos últimos minutos, um carro cruzou seu caminho enquanto se preparava para atravessar a rua e ir até o seu veículo. Elias, no volante, convidou-a para uma volta, embora súbito, seu aparecimento não assustou a Lua, que decidiu entrar pela porta do passageiro e encarar aquele conflito que vivia com relação ao assassino de seu ex-namorado, ou seu salvador, não sabia direito qual abordagem era a mais fidedigna aos fatos, talvez isso dependesse mais dela do que das circunstâncias.

Os dois permaneceram calados por alguns minutos, até que Elias quebrou o silêncio.

— Sei que você deve estar muito confusa. Primeiro quero agradecer por não ter me denunciado, não quero que você me encare com uma pessoa ruim, sei que o que fiz foi extremo e não me orgulho disso, Lua, mas tive que tomar uma decisão. Fico por outro lado feliz de te ver assim, viva. Ela apenas gesticulou que sim com a cabeça e permaneceu calada, Elias entendeu e não forçou o diálogo, seguiu dirigindo sem rumo, queria apenas retomar o contato com aquela garota que amava.

Ela, após mais alguns quilômetros, disse suas primeiras palavras.

— Obrigada! Ele sorriu e ela complementou:

— Me leve para o meu carro, por favor, preciso ir para casa. — Ele assentiu e começou a dirigir de volta. Enquanto retornavam, Lua observou algo que chamou sua atenção, um número de telefone anotado em um pedaço de papel no console

do carro. Um número que ela conhecia muito bem, um dos poucos que tinha na cabeça, o número do seu avô. Não havia motivo para que eles tivessem algum contato, seu avô não tinha motivos para ser cliente de Elias, aquilo era muito suspeito.

CAPÍTULO 28

MAL CHEGOU EM CASA, Lua e Roberto já discutiram. O motivo, nenhum dos dois sabia, ela estava com Marina na cabeça, tinha receio de ir mais a fundo nessa história e descobrir o que tudo indicava, ser uma relação extraconjugal do pai. Agora sua tolerância com qualquer coisa que Roberto fazia ou falava a deixava ainda mais impaciente.

Maria enviou uma mensagem, dizendo que tinha novidades a respeito dessa história, não entrou em maiores detalhes, as duas se veriam no dia seguinte na Universidade e conversariam.

Lua agora precisava investigar além do pai, o avô e Elias. Estava sobrecarregada e sua última prioridade no momento era a veterinária, na verdade essa nunca tinha sido, foi um acidente de percurso da filha do Reitor.

No dia seguinte pela tarde ela iria até a oficina de Elias, precisava de respostas e à medida que o tempo passava, parecia que somente surgiam mais perguntas.

CAPÍTULO 29

LUA APARECEU SEM AVISO PRÉVIO, Elias estava sujo, mexendo nas motos e pediu para que ela o aguardasse no escritório, era o que queria. Sentou-se na cadeira atrás da mesa. Começou a abrir as gavetas até encontrar o que procurava, o celular dele, mas foi em vão, estava bloqueado e ela não sabia a senha. Arriscou algumas combinações, mas sem sucesso.

Pensou em roubar o aparelho, mas levantaria uma suspeita que poderia comprometer a investigação. Sentia a palpitação no peito, sua perna tremia, toda essa situação mexia muito com ela. Investigar, tomar decisões rápidas em momentos como aquele. Tudo muito novo, tudo muito confuso.

Elias entrou, sorriu quando a viu e ela rapidamente sorriu de volta, precisava tê-lo o mais próximo possível e com a guarda aberta.

Ele se aproximou e a cumprimentou com um beijo no rosto antes mesmo que ela se levantasse, da sua cadeira, ele brincou:

— Vejo que você está bem à vontade.

Ela sorriu e rebateu:

— Me deixa curtir um pouco, não tenho escritório.

— Mas no que posso ajudar, mocinha?

O tom de brincadeira ficou mais sério quando Lua mencionou o nome de Marcel. Como não tinha um pretexto muito bom para a visita e já que não conseguiu o que queria, ela

precisava de algum assunto e disse que sonhou muito com o ex nos últimos dias e que precisava desabafar.

Elias mostrou-se compreensivo e isso **incomodou Lua**, pois uma pessoa que mata a outra deveria ficar no mínimo **incomodada** em ouvir algo sobre sua vítima, essa frieza deixou a estudante bastante intrigada e sentiu que aquela história de protegê-la talvez não fosse verdadeira.

Ela ficou mais um tempo conversando e quando teve uma oportunidade se levantou, alegando que tinha um compromisso. Elias **pegou na mão dela e tentou uma aproximação, quando ele** se aproximou para tentar beijá-la, ela virou o rosto e disse ainda não estar pronta.

Dessa forma ela mantinha a chama acesa e ganharia tempo para descobrir os detalhes obscuros que permeavam aquela história. Saiu da oficina como sempre saía, atordoada, precisava de uma solução para verificar o motivo da ligação entre Elias e o Avô. Estava prestes a explodir e decidiu revelar o restante do que aconteceu nas últimas semanas para Luís e Maria.

Ligou para eles, ambos não podiam vê-la aquela noite, mas estavam dispostos a matar as primeiras aulas do dia seguinte para que tivessem uma conversa.

Os três se encontraram em frente **a** Unimor e de lá seguiram a pé mesmo para um parque público; naquele horário e em pleno dia útil, o local estaria vazio, mas era seguro em função de haver guardas municipais circulando o tempo todo.

Luís e Maria brigaram muito com Lua, ela já esperava. Os dois estavam assustados ao saber que a morte de Marcel havia ocorrido por um homicídio e não suicídio como todos acreditavam, inclusive a polícia. Queriam denunciar Elias imediatamente, mas Lua disse da possível relação dele com o avô e isso fez com que ambos refletissem um pouco e percebessem que talvez valesse a pena investigar.

Sabiam da ótima relação de Lua com Fernando e também sabiam que o senso de justiça dela se sobrepunha a qualquer laço familiar, um dos motivos do seu desgaste com o pai.

Decidiram então se unir para esclarecer os fatos, Lua chorava. Sentia alegria pelos amigos que tinha e ao mesmo tempo extravasava tudo o que ela havia represado nos últimos dias. Ainda tinha a questão com o seu Pai e Marina. Lua também se preocupava com Magda, estava em falta com a amiga.

Ela estava mais calma quando Maria trouxe uma novidade que soou como uma bomba.

— Lua, segui seu pai. Ele foi até a casa da Marina e ficou por lá algumas horas.

Embora não gostasse de Roberto, aquilo soou como um soco na cara dela. Desabou no choro novamente.

CAPÍTULO 30

MAGDA SE SENTIA MELHOR, ganhou uns quilos e se distraía com o artesanato nas oficinas realizadas na clínica. O *patchwork*, uma atividade artesanal que consiste no uso de retalhos de tecidos, fazia muito bem a ela. A abstinência ainda era seu principal obstáculo, a sensação que tinha é que não conseguiria se livrar disso jamais.

O tempo e as atividades na clínica traziam alguns bons momentos que há tempos ela não sentia, porém por muitas vezes eles ruíam quando se lembrava do que passou desde que seus pais faleceram e até mesmo quando estavam vivos. Uma pedra era tudo o que ela desejava nesses momentos, a sua função cognitiva deixava de atuar e ela era tomada por uma angústia profunda.

Lua não apareceu muito para visitá-la, mas justificou sua ausência por telefone, explicou tudo que aconteceu até então com uma riqueza de detalhes que nem Maria e Luís conheciam.

Magda sentiu que precisaria retribuir tudo o que Lua fez por ela, passava boa parte do seu dia pensando no que poderia fazer pela amiga. Nada parecia palpável até que teve uma ideia que de início descartou por parecer um tanto absurda, mas que foi amadurecendo na sua cabeça.

CAPÍTULO 31

MARIA E LUÍS CONSOLARAM A AMIGA, aconselharam-na a procurar Roberto e confrontá-lo com o que sabia. Ela, de início recusou, mas aos poucos cedeu e agora o que precisava era tomar coragem, não falaria com a mãe inicialmente, apenas se o pai não tivesse uma atitude digna.

Com relação ao avô e Elias, não fazia ideia de como agir, precisava de uma solução rápida, já estava se sentindo cúmplice do homicídio. Aquela sensação de gratidão havia sido superada, sentia que aquela não era a história verdadeira e que Elias tinha outra escolha que não culminasse com a morte de Marcel.

O celular de Lua tocou, a chamada identificada acusava ser Magda, ela respirou fundo para disfarçar a voz de choro e atendeu.

— Oi, Má, tudo bem?

— Tudo sim, Lua. Acho que posso te ajudar.

— Me ajudar, como assim?

— Com relação ao seu avô. Uma vez você me disse que o ponto fraco dele são as mulheres certo?

— Certo – já demonstrando receio na voz, ela respondeu.

— Posso seduzi-lo e com um remédio que conheço para pôr na bebida, ele vai me contar tudo o que eu quiser saber, ou melhor, o que você quiser saber.

— Má, isso é loucura! Como vamos fazer para aproximar os dois? E você terá que sair daí, é arriscado para o seu tratamento.

— Também achei meio louco no começo, mas tem uma grande chance de dar certo. Colocar mais alguém a par dessa história não seria uma boa, afinal tem uma morte no meio. Não preciso ficar muito tempo fora da clínica, não vai atrapalhar nada. — Ela rebateu de forma muito segura. — Confia em mim.

— Não sei, preciso amadurecer essa ideia, além do mais como você vai se aproximar dele?

— Tenho uma ideia para isso também. — Magda contou seu plano em detalhes, disse onde conseguir a “fórmula da verdade”, era como eles a chamavam nas ruas. Lua ouvia a tudo com insegurança e no fundo não queria que aquele homem a quem amava estivesse envolvido com nada ruim, sempre teve uma relação muito boa com o avô, mas precisava saber a verdade.

Ela aceitou a sugestão de Magda afinal foi a melhor, na realidade a única; ideia que surgiu para resolver esse mistério, iriam conversar pessoalmente em alguns dias e acertar a primeira parte do plano.

Já aproveitou a presença dos amigos que ouviam curiosos toda a conversa e contou o plano. Ambos demonstraram surpresa em um primeiro momento, mas acreditaram que poderia dar certo. Marina e Roberto ficariam para depois, seu avô era a prioridade agora.

CAPÍTULO 32

ESTAVAM NA CASA DE MARIA, Lua buscou Magda na clínica na hora do almoço. Ela era a responsável pela amiga viciada e autorizou sua saída, embora o médico responsável tenha protestado com veemência.

Jantariam com Fernando no mesmo dia. Ele já havia sido informado que Lua levaria sua amiga, gostaria de apresentá-la a ele já que falou muito do avô nos dias que estiveram juntas nos Estados Unidos durante um intercâmbio quando ambas ainda estavam no segundo grau. Foi a melhor mentira que conseguiram inventar, mas aparentemente o avô havia sido convencido e realmente não se importava, desde que agradasse a neta.

Felizmente ele não falava inglês, então Magda não corria o risco de ser pega, já que não dominava o idioma. A ex-moradora de rua ganhou um pouco de peso desde a internação, suas curvas estavam mais acentuadas e isso contribuiria para o sucesso do plano. Seu sorriso também estava impecável após o tratamento que ela recebeu na clínica. Um pouco de maquiagem, um vestido curto e um flerte, deixariam Fernando interessado na jovem, com toda certeza.

Lua sabia bem que o avô era mulherengo, ele nunca fez questão de esconder isso, especialmente quando ficou viúvo. Ainda precisavam da droga da verdade, segundo Magda poderiam buscá-la a qualquer momento próximo do bar onde

morou nos seus tempos de rua. Luís impediu que as garotas fossem àquele bairro perigoso, sabia bem que a droga da verdade se tratava de um benzodiazepínico, classe de medicamentos controlado, utilizado inclusive na rotina veterinária e achava que poderia consegui-la sem ir até lá, mas como nenhum deles era formado, não tinham como emitir receita para obter a droga, e se solicitassem a algum amigo formado levantariam suspeitas.

Finalmente Luís se deu por vencido e deixou que elas fossem atrás do medicamento na cracolândia, mas acompanhou as amigas e era o mais apreensivo dos três. Lua também estava apreensiva, mas pelo medo de descobrir algo ruim a respeito do avô, era bem possível que aquela figura tão amada estivesse envolvida com algo muito errado, seu sexto sentido era muito forte. De qualquer forma precisava da verdade até mesmo para entender realmente qual era a de Elias.

Voltaram, almoçaram e conversaram muito, sobre o plano e sobre outras coisas. Magda compartilhou um pouco da sua experiência nas ruas, deixou todos chocados com muitas histórias. Perdeu amigos, foi agredida por outros viciados e também pela polícia. Mas vivia um momento especial, de esperança, isso para alguém que já tinha desistido de viver e era conduzida na maior parte do tempo pelo crack, não tinha preço.

Quando acabaram de produzir Magda, ela ficou simplesmente deslumbrante; Luís demonstrou isso com a boca aberta, que só se fechou para emitir um assobio. Foi reprimido por um olhar duro de Maria, deu risada e ela também.

A garota alvo dos olhares ficou embaraçada em um primeiro momento, mas se divertiu com a situação após alguns segundos corada. Deixar de ser invisível era um trunfo para a ex-moradora de rua.

Lua por alguns instantes se esquecia do que estavam a ponto de fazer e ficava feliz em ver Magda bem. Sabia que o

caminho para a recuperação dela era bastante árduo, mas tinha fé de que juntas conseguiriam e mais do que uma amiga, ela ganhou uma irmã com quem aprendeu muito até aquele dia. Era um paradoxo que se sentia mais viva desde que entrou em contato com alguém que vivia em completa inércia, levada por uma tragédia familiar e pelas drogas.

Chegava a hora das respostas...

CAPÍTULO 33

O OLHAR DE FERNANDO DIZIA TUDO, a primeira parte do plano foi um sucesso, ele se interessou por Magda. Ficou por alguns segundos sem reação, até que finalmente se manifestou e abraçou a neta tentando disfarçar o indisfarçável.

Lua piscou para Magda enquanto abraçava o avô. Ela piscou de volta e demonstrava uma segurança que até então Lua não conhecia.

As duas sentaram no sofá, Magda exibindo as belas pernas que eram constantemente alvo do olhar de Fernando. Ao mesmo tempo em que tentava abrir uma garrafa de vinho tinto admirava a jovem.

Ele se revezava entre ser anfitrião e chef, pois um dos seus hobbies era cozinhar, ia da cozinha para a sala e da sala para cozinha, às vezes dava continuidade na conversa com sua neta e a amiga, elevando o tom de voz para que pudesse ser ouvido ao mesmo tempo em que cuidava do espaguete com camarões e molho 4 queijos, que era sua especialidade.

O assunto girou em torno de Magda, que muita safa, inventava rápidas e convincentes respostas às perguntas de Fernando, aprendeu a arte do improviso nas ruas, era uma questão de sobrevivência.

Lua ouvia e admirava ainda mais a amiga, mas estava tensa e chegou a ser questionada pelo avô se estava tudo bem. Tinha que manter as aparências para não estragar o plano, precisava de respostas e possivelmente as obteria naquela noite.

No fundo alimentava uma pequena esperança de que Fernando não tivesse nada a ver com a morte de Marcel.

— Pronto, garotas, o jantar será servido. Sentaram e deram início ao jantar. Magda se deliciava, mas tentava não demonstrar ansiedade em comer a melhor comida que provou em anos, tomava o vinho meio a contragosto, era demasiado seco e ela era adepta apenas da cerveja e em alguns momentos na rua, de um pouco de cachaça.

Conforme avançavam na conversa, o interesse de Fernando por Magda crescia, isso era evidente, e enquanto Lua fingia idas ao banheiro a ex-moradora de rua intensificava o flerte.

Estavam sentadas em uma mesa de jantar com 14 lugares; Fernando tinha um apartamento belíssimo, maior do que o dos falecidos pais de Magda. A decoração nas paredes continha algumas obras de Romero Britto, embora Lua achasse que em nada combinava com o estilo do avô; o artista caiu em seu gosto e ela mesma o havia presenteado com um dos quadros que Magda observava.

Magda estava nostálgica, pois sua mãe também era fã do trabalho de Romero. Fernando se deliciava com o vinho e a agradável companhia daquela noite. Lua preparava tudo para ir embora, quando o avô foi até o banheiro, sua neta depositou a droga em sua bebida. Seu coração doía com tal atitude, mas precisava de respostas.

Magda segurou na mão da amiga, não precisou dizer uma palavra, ela agradeceu o apoio com um olhar terno. Ele voltou, com mais uma garrafa de vinho embora sua taça estivesse cheia.

— Quem quer mais vinho?

— Estamos indo já, vô, o jantar estava fantástico.

— Mas é cedo. — Seu desapontamento ficou evidente.

Lua aproveitou a deixa e disse que iria ao banheiro antes que saíssem. Magda aproveitou o momento a sós e aproximou-se de Fernando, que já tomava o vinho “batizado”. Chegou perto do seu ouvido e disparou.

— Vou embora com a Lua, mas volto em 20 minutos, deixe a porta aberta.

Ele ficou muito surpreso e antes que pudesse dizer algo, Magda colocou o dedo indicador sobre os seus lábios, se afastou, e ambos foram interrompidos por Lua.

Despediram-se, Fernando não protestou mais e viu as duas entrarem no elevador social. Não se passaram nem 20 minutos, o interfone tocou e em seguida Magda, já entrava novamente pela porta, Fernando se levantou e a abraçou, tentou beijá-la. Ele já estava zozzo e as respostas começaram a sair.

CAPÍTULO 34

ROBERTO ABRIU OS OLHOS e se deu conta que dormiu até o dia seguinte, levantou desesperado. Seu celular estava sem bateria, sua esposa devia estar desesperada e que desculpa ele daria? Beijou Marina no rosto enquanto ela dormia profundamente, agora tinha que correr, carregaria o celular no carro e inventaria alguma boa desculpa antes de ligar para acalmar os ânimos.

Não poderia dizer que ficou na Universidade, pois devem tê-lo procurado por lá. Nada soava convincente. Marina fez com que ele perdesse a cabeça, estava cansado de ter que mantê-la em segredo. Queria abrir toda essa história e ser feliz com ela ao seu lado, poder vê-la todos os dias sem restrições de quando poderia abraçá-la ou beijá-la. Um inferno se fez em sua vida, cheia de segredos e limitações.

As pessoas que mais eram próximas dele, ao mesmo tempo eram distantes, pois não conheciam sua verdadeira história de vida. Ligou o celular e começaram a soar alertas das tentativas de chamada de sua esposa. Discou o número de casa.

— Pelo amor de Deus, Roberto, onde você estava?

Ela estava aos prantos, ele ficou desapontado com sua atitude irresponsável, mas paradoxalmente sentiu uma sensação agradável por ser tão querido pela esposa.

— Desculpe, Patrícia, estou a caminho, estou bem, quando chegar eu explico tudo com calma. Lua está com você?

— Está aqui, está bem. Você ficou maluco? Achávamos que o pior tinha acontecido.

— Estou bem, em 10 minutos chego, acalmem-se, por favor.

Roberto já havia tido problemas com álcool no passado, nunca pensou que este problema seria útil algum dia.

Estava curado, mas provavelmente seria obrigado a voltar para a terapia que fez durante muito tempo. Não se importava de ter que passar por isso, o que importava para ele era Marina.

Embora fosse uma estupidez sem **tamanhos** passar a noite próximo a Marina, havia sido muito prazeroso; ela era doce e carinhosa, mais do que protetor, sentia-se protegido quando a tinha por perto. **Sorria espontaneamente, nada naqueles momentos o aborrecia.**

Passou em um mercado e comprou uma garrafa de cachaça. Bebeu bastante e derramou um pouco na roupa. Dessa forma sua história seria mais convincente. Acionou o botão de abertura da garagem no controle remoto preso ao seu tapa sol, e antes que terminasse de abrir, sua esposa e filha saíram.

Patrícia o abraçou, Lua ficou apenas olhando com uma cara de poucos amigos. Ela sabia que a razão do sumiço não havia sido uma bebedeira e justamente por isso impediu que a mãe ligasse para a polícia. Felizmente era sábado e ele poderia descansar, o difícil seria dar explicações e ouvir reprimendas, mas tudo correu melhor do que esperava.

Patrícia realmente engoliu a história da bebedeira, buscou no mesmo instante o telefone da psicóloga que tratava Roberto para marcar uma nova consulta, ele não se opôs, precisava de ajuda naquele momento. Desabafar com uma profissional, que ficaria neutra e não abriria seus segredos para ninguém seria ótimo, viu naquele limão uma limonada.

Em um breve momento que ficou a sós, mandou uma mensagem de texto para Marina. “Oi Linda! Perdi a hora e dormi

aí. Imagina o que não estou ouvindo agora. Já dei um jeito e aparentemente vai ficar tudo bem. Foi ótimo, espero ter mais momentos como esse. Assim que conseguir dou uma escapada para te ver. Te amo!’

Ainda sorria quando a filha entrou no quarto com um semblante fechado e disse de forma dura:

— Precisamos conversar.

CAPÍTULO 35

O CELULAR DE LUA TOCOU, o número identificado era o de Magda, e o reitor foi salvo momentaneamente. As explicações ficariam para depois, a filha sabia de Marina e isso ficou evidente para ele, que negaria até que ela desistisse de questioná-lo.

Embora não gostasse, mentir era algo que tinha de fazer com certa frequência. Ela duramente disse que voltaria depois para que conversassem e foi correndo para seu quarto onde poderia falar ao celular com mais privacidade.

Respirou fundo e após alguns toques atendeu a chamada.

— Oi. Má!

— Oi, Lua. Olha só, descobri muita coisa, preciso te ver o quanto antes.

— O que ele disse? Onde você tá?

— Estou na clínica, vem pra cá. Ela nem se despediu, foi correndo para a garagem, sua mãe ouviu a porta batendo e quando se dirigiu a entrada da casa, o carro de Lua já havia alcançado a rua. Patrícia balançou a cabeça em negativa, o cansaço de uma noite inteira em claro cobrou dela o descanso, ela foi para o quarto e qual não foi sua surpresa quando ouviu a voz do marido, ele parecia falar com alguém ao telefone.

Ela ficou por alguns minutos ali ouvindo uma conversa regada de ternura na voz do marido, ficou claro para ela que ele tinha uma amante e foi como se uma faca entrasse diretamente no seu abdômen.

Amava o marido apesar de anos de desgaste, não acreditava em fidelidade masculina, mas até então nunca ficou sabendo de nada e agora era evidente.

Deu um tempo, foi até a sala, andou de um lado para o outro sem saber o que fazer. Não teve coragem de adentrar ao quarto e confrontá-lo com o que ouviu. Decidiu não dizer nada, a tristeza que a tomava era similar com a que sentia em muitos momentos da sua vida, só que dessa vez ela tinha um motivo aparente.

A depressão era um problema com o qual Patrícia convivia há algum tempo, medicamentos e acompanhamento psiquiátrico faziam com que ela conseguisse ter um pouco mais de qualidade de vida, porém dizer que estava bem era demais. Voltou para o quarto onde o marido já dormia, ela acomodou-se ao lado dele na cama e ficou ali pensativa, o sono foi substituído por pensamentos catastróficos que por mais que ela tentasse afastar cresciam a cada minuto até que a exaustão mental a fez cair em um sono profundo.

Lua estava ali de frente para Magda; suas pupilas e narinas dilatadas revelavam que estava tomada por adrenalina. Magda foi bem objetiva, sabia que não era hora para rodeios.

— Perguntei do Marcel quando ele já estava bem soltinho pelo medicamento. No início ele não disse nada muito claro, mas acabou entregando que contratou Elias para acabar com ele.

CAPÍTULO 36

O REITOR ACORDOU E FOI PARA O SEU ESCRITÓRIO, Patrícia ainda dormia. Abriu o computador e começou a redigir um texto. Era sua carta de demissão, já o fizera por outras vezes, mas sempre deletava o arquivo antes de imprimi-lo.

Não tinha coragem de jogar tudo para o alto, bem ou mal precisava manter as aparências e seguir ganhando dinheiro para que um dia conseguisse concretizar seus planos.

Em seguida Patrícia acordou e jantaram juntos, ele se desculpou muito, disse estar envergonhado e que procuraria ajuda. Percebeu a esposa muito magoada, mas como sempre, seu jeito introspectivo não permitia que ela falasse abertamente sobre o que sentia. Isso irritava muito a Roberto, mas o abatimento era tão grande por parte de Patrícia que ele teve pena e procurou **consolar a esposa.**

Quando se aproximou, ela se afastou e disse que precisava cuidar da louça. Roberto não protestou, sentiu a tensão acima do usual, sabia que era o responsável por aquilo, embora não soubesse que o real motivo daquele distanciamento era Marina.

Patrícia sabia que a noite anterior tinha relação com a mulher da ligação **que ouviu atrás da porta.**

O relacionamento dos dois já não ia bem há muitos anos, no início tentaram ser um casal feliz, mas logo o desgaste fruto de um casamento arranjado se instalou de forma permanente.

Patrícia sentia muito respeito por Roberto e lutava para preservar a família. Era tudo o que tinha e no que se apoiava.

Patrícia estava próxima ao telefone fixo da casa e no primeiro toque já o atendeu.

— Milena? Que surpresa.

O reitor não estava por perto, Milena pediu discrição, não queria que Roberto soubesse da chamada. Patrícia estranhou, mas sua curiosidade a fez atender ao pedido da professora com quem não tinha um bom relacionamento desde os tempos de faculdade.

Sua educação se sobrepunha a qualquer desavença do passado, independente de quem fosse, ela era extremamente atenciosa. Milena queria vê-la, disse ser algo de extrema importância e que envolvia o reitor.

— Não pode adiantar do que se trata? – Ela tentou em vão e acabou aceitando o encontro.

Roberto ouvia a tudo na extensão, manteve-se calmo e não revelou à esposa que ouviu a conversa. Sabia exatamente como agiria.

CAPÍTULO 37

LUA ESTAVA AOS PRANTOS, não se conformava que aquele homem que tanto amava fosse capaz de ser o mandante de um crime. Não seria capaz de perdoar o avô.

O que a deixou mais perplexa foi saber que Elias cometeu o assassinato a mando de Fernando e não para protegê-la como ele havia dito. Lua sentia raiva de por um momento ter sentido gratidão e pensado que Elias realmente não teve escolha naquele dia em que atirou em Marcel.

Mais raiva ainda por ter convivido com a revelação de um crime por tanto tempo sem ter feito nada. Sentia-se parte daquilo tudo de uma forma que a repugnava.

Ela não sabia o que faria a seguir, não tinha como provar nada. Se fosse até a polícia Fernando ficaria a par de tudo e a família talvez se colocasse contra ela, justamente por não poder provar uma história em que a própria não acreditaria.

Elias também poderia vir atrás dela e até mesmo de Magda, que sairia do anonimato quando ela tivesse que justificar como descobriu que seu avô era o mandante do crime.

Magda estava calada, ouvia a Lua e a olhava com um olhar terno. Quando ela se acalmou, Magda finalmente quebrou o silêncio.

— Temos como provar tudo.

C E R C A D A D E S E G R E D O S

Lua arregalou os olhos e a amiga complementou.
— Tenho o áudio de todo o encontro gravado.

CAPÍTULO 38

PATRÍCIA SAIU PELA TARDE, estava sozinha em casa, o que foi ótimo porque não precisaria dar explicações. Roberto saiu cerca de uma hora antes e Lua, bem cedo. A esposa do reitor estava ansiosa para encontrar Milena e saber o que ela tinha de importante a dizer.

Lua estava a caminho da clínica com Maria e Luis, encontrariam Magda e os quatro iriam decidir o que fazer com o áudio e as informações que tinham do caso Marcel. Quando seguiam de carro notaram algo errado, trânsito em um local onde isso era pouco comum.

Viaturas de polícia e uma ambulância estavam obstruindo uma das faixas de uma importante avenida da cidade, um corpo estava estendido no chão coberto por um lençol branco. Os curiosos passavam lentamente e isso piorava o fluxo.

Lua viu um braço para fora e reconheceu uma tatuagem do pulso, encostou o veículo, mesmo advertida de que não poderia. Saiu correndo, esquivou-se da polícia que cercava o local e chegou ao corpo; ao remover o lençol do rosto, sua suspeita se confirmou. O choque a fez ficar estática com a mão sobre a boca.

Um policial a retirou do local e levou até os amigos que a aguardavam fora do isolamento.

— Quem é Lua? — questionou Luís, aflito ao perceber a expressão assustada da amiga.

Demorou um pouco para responder, as lágrimas já rolavam pelo seu rosto.

— É a professora Milena.

CAPÍTULO 39

DEPOIS DE VIVER MAIS UMA VEZ AQUELE CLIMA assustador de ter que conversar com a polícia, Lua chegou em casa acompanhada dos amigos. Por conhecer a vítima, ficou algumas horas no local dando informações aos policiais.

A mãe estava em casa já ciente do ocorrido, não contou para ninguém que saiu pela tarde para encontrar Milena, encontro esse que não se concretizou. Ficou apreensiva de ser associada a morte de alguma maneira pela polícia, embora tenha sido, aparentemente, apenas uma fatalidade.

Roberto ainda não havia chegado, ficou por algumas horas incomunicável, até que Lua finalmente conseguiu encontrá-lo e dar a notícia. Ele disse que entraria em contato com a família da professora, que àquela altura já recebera a notícia.

O reitor chegou de táxi, segundo ele, seu carro estava sofrendo elevação súbita de temperatura e precisou deixá-lo na oficina, por isso a demora.

A polícia investigava a morte, o responsável pelo atropelamento fugiu sem ser identificado. Até então nenhuma testemunha havia sido localizada para fornecer informações sobre o autor do acidente ou a placa do veículo.

Buscavam por alguma câmera de segurança no local para tentar identificar o condutor. Lua achou estranho que o pai

chegasse de táxi, mas logo afastou esses pensamentos. *“Já estou ficando neurótica”*.

Quem não conseguiu afastá-los foi Patrícia, que desconfiava seriamente do marido, que seria o grande prejudicado caso ela se encontrasse com Milena. Chegar sem o carro naquele dia realmente era bastante suspeito.

CAPÍTULO 40

MESMO SEM DEBATER COM OS AMIGOS qual rumo seguir após tantas notícias desagradáveis, Lua decidiu que aceleraria a resolução de todos aqueles problemas que a cercavam. Não procrastinaria mais assuntos tão importantes, por mais que eventos fora do seu controle atrapalhassem isso.

Decidiu realizar uma denúncia anônima a respeito da morte de Marcel. A polícia dessa forma poderia reabrir a investigação e ela pelo **Disque Denúncia** teria seu anonimato preservado.

Sabia que com a nova investigação e com o nome de seu avô envolvido, ela também poderia tornar-se suspeita, já que ordem para matar seu ex se deu em virtude daquela agressão ocorrida na Unimor.

Estava disposta a enfrentar o que fosse preciso para que os assassinos de Marcel pagassem pelos seus crimes, mesmo que um deles fosse seu avô e que tivesse feito isso para protegê-la. Nada justificava tanta violência e ela não cometeria o mesmo erro que cometeu com Elias, a ponto de entender uma atitude tão radical.

Estava convencida que violência nunca é uma opção. Pegou o telefone, respirou fundo e discou.

CAPÍTULO 41

MAGDA LUTAVA CONTRA A ABSTINÊNCIA, todos os dias sentia o desejo de mais uma pedra, porém já tinha mais forças para resistir. Sua evolução era acompanhada de perto por uma equipe multidisciplinar que se orgulhava do progresso da paciente.

Magda sentia que poderia ajudar a outros que como ela tinham conhecido o crack. Propôs-se a dar depoimentos para pessoas recém-internadas. Mas a quem mais queria ajudar era a Lua, embora já tivesse contribuindo imensamente seduzindo Fernando ela se sentia uma anti-heroína, pois havia trazido tristeza para a vida da amiga.

O que não imaginava era que sua história se misturava à de Lua muito mais do que ambas imaginavam. As lições que aquele fatídico encontro trouxera ficariam para a eternidade e fortaleceriam ainda mais a bela amizade que elas cultivavam.

CAPÍTULO 42

O CAOS ESTAVA INSTALADO, Fernando era alvo de uma investigação da polícia pela morte de Marcel. Recebeu uma intimação para comparecer à delegacia um dia depois da denúncia.

A notícia era manchete nos principais jornais da região e todos queriam ouvir o empresário a respeito dessa suspeita. O áudio ainda estava em posse de Lua, ela não sabia como entregá-lo sem ser identificada e hesitava também pela exposição pela qual Magda passaria. Com as câmeras de segurança do condomínio do avô, chegariam até ela facilmente.

A imprensa estava de plantão, Fernando era um homem muito conhecido, especialmente pelas alianças que estabelecia com políticos locais, é claro que a visibilidade agora era muito maior, um possível assassinato renderia uma venda de jornais e revistas muito maior do que um mero apoio a candidatos a cargos públicos.

Roberto foi até a casa do sogro e enfrentou um batalhão de fotógrafos e jornalistas, não deu nenhuma declaração quando chegou nem quando saiu, sabia que enfrentaria o mesmo tumulto na universidade. Deu ordens para que a segurança ficasse mais atenta e impedisse a entrada de jornalistas, não haveria tolerância para alunos que esquecessem suas carteirinhas, não queria correr risco de que alguém da imprensa se infiltrasse.

Lua estava calada enquanto seus pais conversavam a respeito do ocorrido, eles notaram seu comportamento atípico, já que ela sempre manifestava sua opinião, mas deduziram que estava triste pela “falsa” acusação contra seu avô.

Na denúncia anônima não mencionou Elias, pois ficaria evidente para ele que ela teria sido a denunciante, imaginava que com a investigação reaberta chegariam até ele. Ela tinha medo da retaliação do assassino do ex-namorado.

Seu avô do dia para a noite se tornou um vilão, seu pai também não era alguém quem realmente admirava, lamentava não ter uma referência masculina na sua vida. Seu namoro havia sido um fracasso e ela já se conformava que este seria seu carma.

Lua não podia imaginar que alguns aspectos dessa sua visão mudariam radicalmente.

CAPÍTULO 43

LUA DESCEU DO SEU CARRO e após acionar o alarme e verificar se a porta estava trancada como lhe era habitual, sentiu uma aproximação. Virou-se rapidamente, e em seguida uma mão apertou seu pescoço.

— Elias... — Sua voz saiu rouca e falha.

— Cala a boca, eu falo agora. — Ela se debateu, ele afrouxou um pouco os dedos e o ar voltou aos pulmões da garota.

— Você sabe demais, se a polícia quiser te ouvir, nem pense em mencionar meu nome, primeiro e último aviso. — E soltou o pescoço da futura veterinária. Lua massageava o local pressionado pela mão de Elias. Ela se fez de desentendida.

— Por que eu mencionaria seu nome? Você me salvou não foi? O que meu avô tem a ver com tudo isso? Não entendo essa denúncia?

Ele ficou calado por alguns segundos e finalmente rompeu o silêncio.

— Você não é tão estúpida, Lua, já entendeu porque seu avô foi denunciado. Meu recado tá dado, experimenta brincar comigo e vai sobrar pra você e sua família.

Ele deu um passo à frente e Lua se encolheu, mas não tocou nela.

— Isso não acaba aqui — ele ameaçou.

Elias estava seguro de que Lua ligou os pontos e sabia que o avô era o mandante do assassinato de Marcel. Sabia o risco que corria, se arrependeu amargamente de confessar o crime para a ela, seu amor de anos e o desejo de tê-la o fez tomar uma decisão estúpida. A história que criou e pareceu tão sólida virou fumaça. A intimidação sobre Lua daria a ele algum tempo para fugir.

Não se conformava que a polícia havia chegado ao mandante do crime, não fazia ideia de como aquilo era possível.

Lua recuperou o controle, botou as ideias no lugar, rapidamente entrou no seu carro e correu para a polícia. Não podia permitir que Elias fugisse e ficasse impune, ligou para o pai antes e pediu para acompanhá-la, decidiu abrir o jogo, contar toda a história e entregar a gravação.

CAPÍTULO 44

O VEÍCULO UTILIZADO NO ATROPELAMENTO de Milena foi identificado. Alguns dias depois o motorista responsável foi preso e admitiu o crime, afirmou que fugiu sem prestar socorro à vítima por medo de ser agredido pelas pessoas que estavam no local.

Patrícia ficou tranquila ao saber que seu marido não tinha nenhuma relação com o acidente, mas se perguntava o que Milena queria dizer a ela. De qualquer maneira não saberia, o que quer que fosse, a falecida levou com ela.

No dia da morte, Roberto planejou aparecer no local do encontro como uma “coincidência”, já que era em um café no centro da cidade. Daria uma desculpa e inibiria a conversa das duas.

Seu carro realmente apresentou um problema, o atraso o fez desistir de intervir e arcaria com o conteúdo da conversa o qual tinha uma desconfiança de qual era.

O acidente o ajudou, embora tenha ficado abatido com a morte trágica da colega e a infeliz coincidência de sua filha ter aparecido no local e servido de testemunha.

Roberto estava em um momento da vida em que já não queria mais fugir da sua história, pretendia abrir tudo que mantinha em

C E R C A D A D E S E G R E D O S

segredo para a mulher e filha, custasse o que custasse. Tinha certeza que depois da tempestade viria a calmaria.

CAPÍTULO 45

O DELEGADO OUVIU ATENTAMENTE A LUA e a repreendeu duramente por ter feito sua investigação particular. Encaminhou a gravação à perícia e solicitou a prisão preventiva de Fernando e Elias, enviando diligências naquele minuto as suas residências. A gravação por ter sido realizada sem autorização da justiça não seria uma prova válida, mas o delegado já tinha outras evidências e não podia ignorar uma informação tão clara de quem eram os culpados pelo crime. Prendê-los era necessário para evitar que queimassem provas ou intimidassem testemunhas.

Com a possibilidade de fuga de Elias, alertou todas as unidades locais, cidades vizinhas e colocou sua foto e dados em um banco que era consultado de forma compartilhada pelas polícias do país.

Lua foi avisada para não deixar a cidade, também era suspeita do crime. Isso não a preocupava, pelo menos agora as coisas tomariam o rumo correto. Magda também seria intimada a depor, Lua avisou a amiga do que fez e ela não se preocupou, faria o que fosse possível para ajudar a encerrar todo o drama na vida de uma pessoa tão querida que batalhou por ela.

Fernando foi preso, mas Elias não tinha sido encontrado e agora era um fugitivo procurado. Uma viatura de polícia patrulhava a casa de Lua caso ele tentasse alguma coisa contra ela.

A jovem estudante vivia agora com medo e presa em sua própria casa. O medo que sentia não superava a sua tristeza por ter posto o homem que mais amava atrás das grades, o furacão emocional ou a tornaria mais forte ou a mataria.

Desceu as escadas e foi até a cozinha tomar um copo de água, estava sozinha em casa, já que seu pai estava em seu escritório na Universidade e sua mãe havia saído para fazer compras; Patrícia também tinha uma escolta.

Enquanto estava imersa em pensamentos olhando pela janela, sua mãe chegou. Viu o carro entrando pela garagem, a viatura parou do lado de fora e o portão se fechou.

Esperou que Patrícia entrasse pela cozinha. A mãe passou pela porta com lágrimas escorrendo pelo rosto. Lua se aproximou dela e percebeu uma segunda pessoa chegando. Qual não foi a sua surpresa quando viu Elias que segurava uma pistola automática. A mãe correu para perto dela e a abraçou, Lua sabia que o seu fim estava próximo.

Roberto chegou em casa e achou tudo muito silencioso, chamou por Lua e Patrícia e ninguém respondeu. Subiu chamando por elas, entrou em todos os quartos e nada.

Desceu e foi até o escritório, abriu o cofre e pegou uma arma que tinha sempre guardada, carregada. Quando já fechava o cofre, sentiu uma pancada na parte de trás da cabeça e tudo escureceu.

CAPÍTULO 46

...25 anos atrás...

ROBERTO ERA APENAS UM JOVEM MÉDICO VETERINÁRIO de futuro promissor, muito apaixonado pela profissão, porém passando por sérias dificuldades financeiras e com sua noiva Marcella lutando já há algum tempo contra um câncer. A falta de recursos fazia com que o tratamento fosse todo realizado na rede pública, que sofria com falta de recursos e profissionais insatisfeitos, dada a má gestão por parte do governo. Residia na capital na casa da sogra, seus pais já haviam falecido, toda a família que tinha estava ali. Seus estudos em uma renomada Universidade Estadual trouxeram uma formação técnica de primeira, mas transformar seu conhecimento em dinheiro era um problema já há algum tempo.

Buscando uma oportunidade profissional, ele foi até uma grande feira focada em gado de corte, realizada anualmente na sua cidade. Embora seu foco fosse permanecer na capital, uma oportunidade naquele segmento provavelmente seria fora da cidade; mas ele estava disposto a isso se trouxesse uma renda que pudesse dar um tratamento e vidas dignos a ele e sua esposa.

Na feira, conheceu Fernando Mornato, dono da Unimor e um grande produtor de carne da região centro-oeste do país,

Fernando também já havia ocupado cargos públicos no estado, mas não se dedicava mais à vida política.

Iniciaram a conversa sentados em um bistrô no estande de uma grande indústria farmacêutica e pelo rumo da conversa, precisariam de mais privacidade, foi quando Fernando convidou Roberto para almoçar fora dali, apenas os dois.

Já em um restaurante na zona sul da cidade, Fernando com uma taça de vinho e Roberto com uma água sem gás a sua frente, iniciaram o assunto delicado. Ainda na feira, Roberto mentiu a respeito de seu estado civil, disse estar solteiro, pois assim acreditava que ficaria mais atrativo para o mercado, caso fosse necessária alguma mudança de cidade.

Quem começou a conversa foi Fernando.

— Como você sabe, tenho a Unimor sob meu comando, preciso preparar alguém para me substituir e isso tem sido extremamente complicado. Tenho uma filha, a Patrícia, que não tem tino nem vontade de tocar os negócios, ela é jovem como você, recém-formada em veterinária. Trabalha comigo cuidando de assuntos administrativos, percebo que isso não é o que a deixa feliz e mesmo o trabalho na sua área de formação parece não ser o que ela quer.

O garçom interrompeu trazendo uma sopa de entrada. Fernando então retomou.

— Minha filha tem feito escolhas erradas, isso tem me trazido muitos problemas e talvez você possa me ajudar a contornar alguns deles.

Roberto ouvia com atenção e interrompeu apenas para ressaltar isso.

— Sou todo ouvidos.

— O que vou lhe falar aqui, jovem, é extremamente sigiloso, mas essencial para a proposta que vou fazer.

O jovem veterinário sentia a palpitação no peito e ansiedade de saber onde Fernando queria chegar, uma gota de suor que escorria pela sua testa foi rapidamente enxugada.

O garçom novamente interrompeu para completar o vinho na taça de Fernando, que continuou em seguida, após Roberto informar que seria muito discreto e respeitaria o sigilo da conversa.

— Vou direto ao ponto. Minha filha se envolveu com um dos nossos docentes, um homem bem mais velho, com a minha idade. Ela está grávida de três semanas e por uma fatalidade, ou sorte, não sei, o pai do bebê faleceu por conta de um AVC. O envolvimento dos dois é um escândalo que estamos tentando manter sob o máximo sigilo, tenho uma vida pública, sou muito conhecido, já ocupei cargos públicos e não quero que nada disso venha à tona.

— Sinto muito por todos esses problemas — respondeu Roberto.

— Mas como posso ajudá-lo?

— Case-se com a minha filha e será o Reitor da Unimor. Você ganhará muito dinheiro, terá uma vida confortável e constituirá família ao lado da Patrícia, que é uma mulher belíssima. Preciso de um pai para meu neto ou neta e um marido para a minha filha.

O semblante de espanto no rosto de Roberto durou por alguns segundos antes que ele se recompusesse e começasse a falar.

— Fernando, isso é uma maluquice... — Antes que continuasse foi interrompido.

— Roberto, não foi uma coincidência nos encontrarmos, eu já te pesquisei, sei tudo sobre a sua vida, sobre a sua noiva. Sei que está precisando de dinheiro para o tratamento dela, essa

é a sua chance de consertar as coisas. Aceite minha proposta e ela terá o melhor tratamento. Daqui a alguns anos você pode se divorciar da Patrícia e seguir sua vida com ela.

Mais uma vez o espanto tomou conta de Roberto, que não conseguiu acreditar no que ouviu. Fernando sabia que as chances da noiva de Roberto sobreviver eram pequenas, já que a doença era bem grave, mas é claro que não iria dizer isso para o “futuro genro”, pois seria muito indelicado.

Roberto estava desorientado, não podia simplesmente recusar aquela chance de ajudar efetivamente sua esposa em seu tratamento, por outro lado tudo aquilo era um absurdo, teria que abrir mão de sua vida.

Fernando ainda complementou.

— Quinzenalmente você vem pra cá e visita sua esposa e sogra, inventamos alguma desculpa para a Patrícia.

— Fernando, mas já pensou na hipótese da Patrícia não querer casar-se comigo?

— Ela sofreu muito com tudo que aconteceu até agora, conversei com ela a respeito dessa minha ideia “maluca”, está tão abatida com tudo que concordou. É claro que não sabe que você é comprometido, não contei isso e será necessário manter em sigilo.

— Meu Deus, que loucura! Preciso pensar, Fernando.

— Ok, fico mais dois dias aqui, é o tempo que tem para me dar uma resposta. Te ligo depois de amanhã à noite.

Ele concordou e se despediu; sua decisão já estava tomada, na verdade precisaria da concordância da sua noiva. Talvez em função da doença ela não se oporia.

O que Roberto não esperava ao chegar em casa era receber a notícia de que seria pai, sua esposa acabava de realizar um teste de gravidez. Ela concordou com a proposta maluca de

Fernando, ainda mais agora que uma criança estava a caminho, concordaram em manter essa gravidez em sigilo. A cada duas ou três semanas Roberto estaria por perto e ela seguiria se tratando agora com mais recursos. A preocupação agora girava em torno de como seria o tratamento de uma mulher grávida com câncer.

CAPÍTULO 47

Nos dias de hoje...

ROBERTO RECUPEROU OS SENTIDOS, sua cabeça doía, olhou ao redor e viu Lua e Patrícia amarradas e com uma mordaca na boca. As duas sentadas em uma cadeira e ele no chão do escritório.

Elias levantou o reitor pela gola da camisa e o sentou em uma terceira cadeira. Ele protestou e também foi amordaçado.

Calmamente Elias iniciou.

— Vocês são meu porto seguro, saio daqui apenas para a liberdade, nem que isso represente a minha própria morte. Lua me colocou em uma situação muito difícil e vai pagar por isso de alguma forma, salvei a vida dela e foi isso que recebi, ingratidão.

Lua se livrou da mordaca frouxa, e disparou.

— Elias, o seu problema é comigo, deixe meus pais fora disso, por favor. — Lágrimas escorriam e ela continuou: — Você salvou sim a minha vida, sou grata por isso, mas você cometeu um crime, tenho certeza que vai conseguir uma pena leve, entenda, agora não tem mais volta.

— Se eu for pra algum lugar não vai ser pra cadeia, e pra onde for, levo você comigo, agora cala a boca, já cansei de te ouvir. — Recolocou a mordaca em Lua e deixou o escritório.

Os três trocavam olhares, o pânico era evidente até no mais contido Roberto, que pensava em como poderia agir para tirá-los

dali. Patrícia já pendia com a cabeça como se tivesse desistido, tudo o que fazia naquele momento era rezar.

Lua e Roberto conseguiram se livrar da mordação.

— Patrícia, Lua, eu sei que não fui o melhor pai e marido do mundo, me perdoem por qualquer mágoa que deixei.

Lua se lembrou de Marina; seu medo se transformou em raiva e jogou isso na cara do pai.

— É não foi mesmo! – Lua disse em tom agressivo. — Já sei da Marina, saquei vocês dois e sei que visita ela com frequência.

Patrícia ergueu a cabeça e passou a olhar para Roberto com uma expressão de raiva, lembrava-se do marido falando ao telefone com a amante.

— Você é nojento, ter um caso com uma mulher que tem idade pra ser sua filha...

— Você não sabe o que está dizendo, Lua! – Ele se exaltou.

— Vai negar que tem um caso com ela?

— Não vou não, **Lua**, mas minha relação com ela é bem diferente daquela que você está pensando.

— Como você pode fazer isso com a minha mãe, dentro da Universidade, envolver-se com uma aluna.

Nisso Patrícia, com muito esforço, conseguiu também se livrar da mordação e entrevistou.

— Não acredito que você fez isso comigo, Roberto.

— Parem as duas! – ele gritou.



— Antes que o psicopata volte, e de uma vez por todas, eu não te traí, Patrícia. A Marina não é minha amante, a Marina é minha filha, é isso.

A esposa do **reitor** e a filha ficaram momentaneamente sem reação e Lua entrevistou.

— Como assim? Eu tenho uma irmã?

O Reitor, suspirou e continuou.

— Lua, ela não é sua irmã, eu não sou seu pai.

— Roberto! — Patrícia tentou em vão.

— Mãeeee! — Lua chorava copiosamente. — O que está acontecendo?

Elias voltou, para a sala.

— Já conversaram bastante, chegou a hora, vou começar por esta piranha aqui.

A arma estava encostada na testa de Patrícia. Lua e Roberto gritavam em vão, Elias engatilhou e tudo que se ouviu foi um estrondo seguido de um baque forte no chão.

CAPÍTULO 48

LUA, ROBERTO E PATRÍCIA ESTAVAM BEM, esperavam na sala enquanto a polícia retirava o corpo de Elias que foi atingido com um tiro certo em sua têmpora, um dos policiais suspeitou da falta de movimento na casa e quando se aproximou na janela viu que Elias preparava-se para atirar. Todos estavam bem, tinham muito o que conversar, Lua vivia mais uma vez um mar sem fim de emoções, aliviada, zangada, assustada, tudo se misturava, mas mais do que nada ela precisava de respostas.

Na sala, sentados no sofá, Lua recusou a mão amiga da mãe, Patrícia respeitou o espaço exigido. Roberto estava em uma poltrona muito abatido, também chorava pelo alívio e pelo receio do que ainda teria que enfrentar.

Ficariam a sós somente após os depoimentos e todas as formalidades que um crime como aquele implicava, mas ali mesmo, naquela “paz” momentânea, Lua exigiu explicações de Patrícia e Roberto, o pai começou o relato.

— Lua, eu e sua mãe casamos de forma arranjada pelo seu avô, sua mãe já estava grávida de você; seu pai biológico morreu, ele era bem mais velho, dava aulas aqui na Universidade. Seu avô não queria que soubessem quem era o pai para não manchar a sua imagem. Os dois mantinham a relação em segredo, já que ele era casado. — Quando disse manchar, fez aspas com os dedos.

Ela ouvia calada, tomava as pontadas no peito a cada novidade, queria ir até o fim, saber de tudo, a decepção em seu olhar era evidente, porém queria saber de cada detalhe. Patrícia olhava para baixo, estava envergonhada e não conseguia sequer encarar a filha, deixou Roberto contar tudo.

— Eu tinha uma noiva na capital, onde vivia antes de vir pra cá, seu avô me encontrou lá, já tinha minha ficha, foi tudo premeditado por ele. Marcella, minha noiva, tinha um câncer bem grave e aceitei a proposta do seu avô com o consentimento dela porque precisávamos de dinheiro para o tratamento, só que logo após aceitar a proposta, descobri que ela estava grávida e mantivemos isso em sigilo do Fernando. Enfim, foi uma luta com a doença e a gravidez, a Marcella morreu poucas semanas depois de dar à luz à Marina, que milagrosamente nasceu bem sem nenhuma sequela do tratamento. A mãe da Marcella é a Lúcia, ela criou a Marina estes anos todos, me ajudou a esconder essa história. Ela não é minha madrinha como disse a vocês.

Ele pausou o relato para tomar um pouco de água.

— Antes de morrer, a Marcella me fez prometer que faria nossa filha estudar e ter uma formação, ela sempre valorizou muito a educação. A Marina tem um déficit de aprendizado, dislexia, e cumprir essa promessa ficou um pouco mais difícil, por isso a trouxe aqui para a Unimor, pois poderia apoiá-la de perto. A Marina odiava toda essa situação de ter que mantê-la em sigilo, só aceitou porque também concordava que deveríamos realizar o desejo da sua mãe.

A expressão de Lua mudou quando ouviu a palavra dislexia, sua postura mudou, seus olhos se arregalaram, ela lembrou-se de Magda. Roberto continuou.

— Nunca contei da Marina para sua mãe, não queria correr o risco de o Fernando intervir de alguma forma nisso, ele é

um homem ruim, tinha medo de ter que me afastar de alguma forma da minha filha.

Patrícia questionou Roberto de algo que a intrigava.

— A Mirela, logo antes de falecer me procurou, queria me contar algo a seu respeito. Você imagina do que se tratava?

Roberto suspirou abatido.

— Sim, ela provavelmente iria te contar da Marina, descobriu da nossa relação, não sei bem como, talvez pensasse também que éramos amantes. A Mirela me odiava, estava buscando algo para me prejudicar, ouvi a conversa de vocês no telefone, cheguei a sair de casa pensando em “acidentalmente” encontrá-las, mas aí aconteceu aquela tragédia. Teve uma época que recebi uns bilhetes anônimos por um tempo, também ameaçando revelar toda essa história maluca do nosso casamento arranjado e do... do pai biológico da Lua. — Ele hesitou. — Provavelmente vieram dela, seu avô deu um jeito em tudo quando mostrei para ele os bilhetes, não quis me dizer quem era o autor. Desconfio da Mirela porque eles já foram muito próximos há anos atrás, não era difícil que ela soubesse de tudo e aproveitou-se disso para extorquir o Fernando.

— Por que você não se divorciou da minha mãe, pai... quer dizer, enfim por quê?

— Quando descobri a dislexia da Marina, achei que precisaria da minha posição na Universidade para cumprir o que prometi para a mãe dela. Pretendia sim me divorciar da Patrícia, mas quando a Marina já estivesse graduada. Com o dinheiro que eu ganho, pude garantir que ela tivesse uma educação diferenciada desde nova. Se me divorciasse corria o risco do seu avô me demitir, e aí já não poderia garantir nada, embora tenha algumas reservas, o litígio poderia me impedir de usar esses recursos por

um tempo. Seu avô me disse em um dado momento que não seria contra um divórcio, porém ele não era muito confiável, desculpe ter que dizer isso, mas é a verdade.

Aquele homem que até então era visto por Lua como frio e distante, agora era admirável, o que fez e passou pela sua filha disléxica era algo que o tornava grandioso aos olhos da estudante, especialmente quando ela fazia um paralelo com Magda. Em pouco tempo os papéis se inverteram, seu avô que era um ídolo até então, passou a vilão, seu pai, mesmo que não de sangue, passou a ser sua referência de caráter.

Lua abraçou o pai que se surpreendeu, achava que todas essas revelações só tornariam os dois mais distantes, ele retribuiu. A mãe chorava copiosamente, pensava ter perdido o respeito de sua filha para sempre, estava muito envergonhada com toda aquela situação, arrependia-se amargamente de algumas decisões que havia tomado, mas Lua era extremamente sensível, conhecia muito bem a mãe, sabia da sua personalidade de fugir do conflito e ficou claro que ela era vítima de um pai extremamente machista. Ela puxou a mãe pelo braço e os três se abraçaram, apesar de tudo estavam muito felizes, Roberto e Patrícia aliviados por revelarem tudo o que esconderam ao longo de anos. Lua queria saber mais de seu pai biológico, é claro, mas aquele não era o momento, conversariam mais sobre isso depois.

O que importava agora é que ela se sentia aliviada depois de semanas de um nível de estresse altíssimo. Sua família agora fazia sentido, amava e era amada.

CAPÍTULO 49

O DIA ESTAVA ENSOLARADO, a mesa estava posta no jardim, o Reitor preparava o almoço na churrasqueira, Lua colocava os pratos e talheres na mesa, nunca sentiu-se tão bem, tão leve e feliz.

Era um momento ímpar para todos, depois de muitas idas e vindas, especulações e investigações estavam todos ali reunidos, naquela família nada tradicional, Roberto agora podia desfrutar da companhia de sua filha biológica e sua filha do coração; ganhou ainda mais uma pessoa em sua vida por quem já nutria amor e admiração, especialmente depois de conhecer a sua história, Magda impressionou a todos pela força que teve para superar tantas situações ruins. Patrícia e o marido estavam vivendo uma lua de mel, nunca se deram tão bem em anos de convívio.

Reuniram-se para a foto oficial da nova Família, o Reitor e Patrícia ao centro, Lua, Magda a direita do casal e Marina e Lúcia, à esquerda. Luís fazia o registro e Maria observava ao lado.

O sorriso no rosto de todos era genuíno, estavam felizes, talvez como nunca haviam sido em suas vidas.

FIM

AGRADECIMENTOS

Geralmente nos agradecimentos os autores homenageiam aqueles que os ajudaram através da leitura dos seus manuscritos e tecendo críticas. No meu caso não funcionou dessa forma, este foi um projeto que mantive em certo sigilo talvez por não acreditar que iria até o fim com ele ou por ter minhas dúvidas a respeito da sua aceitação.

De qualquer forma, existem pessoas muito importantes na minha vida e que merecem todos os agradecimentos, que me incentivaram de forma direta ou indireta para que conseguisse concluir este projeto.

Meus pais, Fluvio e Ester pela educação que me deram e por me fazerem acreditar nos meus sonhos, seu apoio de forma incondicional sempre me fez ir mais longe.

Meus irmãos Taís e Pablo, fonte de inspiração, pois me motivam constantemente quando os observo enfrentarem suas lutas diárias.

A minha namorada Ana, que me “botou uma pilha” para que eu terminasse este livro, sem ela talvez não tivesse ido até o fim e não estaria vivendo a satisfação que vivo hoje.

Tenho muitos artistas na família, agradeço a cada um deles que também me motivaram a desenvolver minha arte.

Por fim, aos estudantes, não só de medicina veterinária, mas de muitas outras áreas que ainda jovens têm que escolher

D I E G O H . F A V E R O

sua profissão e muitas vezes se arrependem da decisão; Lua é fruto de várias histórias como essas.



